ILUSTRAÇÃO

N.º 259 — 11.º ano

1-OUTUBRO-1936

PREÇO - 5 escudos

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
Editor: José Júlio da Fonseca
Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 3o — Lisboa

Preços de assinatura

	MESES		
	3	**6**	**12**
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)................................	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colónias....................	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Brasil.......................................	—	67$00	134$00
(Registada)	—	91$00	182$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	99$00	198$00

Administração — Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Prémio Ricardo Malheiro

MIRADOURO

TIPOS E CASOS

POR **ANTERO DE FIGUEIREDO**

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

TITÚLOS DOS CAPÍTULOS:
O capote do Snr. «Mariquinhas» — Apêgo à Dôr — Dr. Mendes «Gira» — Feira de Ano — Lúcia — Um sobretudo de respeito! — A paz do Lar — Uma espada... embainhada! — O Barboza de Sejins — O Morgado de Sabariz.

1 vol. de 320 págs., broch. . . . **12$00** enc. . . . **17$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À venda a 5.ª edição dos

Motores de Explosão

(COMBUSTÃO INTERNA)

pelo Engenheiro ANTÓNIO MENDES BARATA

Edição actualisada, tratando de todos os tipos de motores Diesel, e apresentando alguns tipos de novos carburadores. Este volume faz parte da magnifica Biblioteca de Instrução Profissional.

1 vol. de 516 págs. com 490 gravuras, encadernado em percalina
Esc. 30$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Á VENDA

a 3.ª edição, corrigida, de

O Romance de Amadis

reconstituido por **Afonso Lopes Vieira**

1 volume de 230 páginas, ilustrado, brochado........... **15$00**
Pelo correio, à cobrança.................................. **16$50**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA A 4.ª EDIÇÃO

DONAS DE TEMPOS IDOS

pelo CONDE DE SABUGOSA

D. Maria Pia, a «Ribeirinha» — D. Beatriz, Condessa de Arundel e de Huntingdon — D. Leonor de Áustria — D. Beatriz de Sabóia — As metamorfoses da Infanta — D. Francisca de Aragão — El-Rei D. Sebastião e as mulheres — Catarina de Bragança, Infanta de Portugal e Rainha de Inglaterra — D. Isabel de Portugal.

1 vol. de 332 págs., broch. . . . . . **12$50**
Pelo correio à cobrança **14$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**, 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Um livro do grande escritor

AQUILINO RIBEIRO

Quando ao gavião cai a pena

1 vol. de 272 págs. ..... **Esc. 12$00**
Pelo correio à cobrança . **Esc. 13$50**

Pedidos aos Editores **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

o 5.º volume

CAMÕES LÍRICO

(CANÇÕES)

PELO DR. **AGOSTINHO DE CAMPOS**

Este volume completa a obra **Camões Lírico**, da Antologia Portuguesa

1 vol. de 320 págs. broch. .... **12$00**
Pelo correio à cobrança.................................... **14$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

SAMUEL MAIA
Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃIS

O MEU MENINO

Como o hei-de gerar, crear e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado, encad., **17$00**; broc., **12$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**, *73, R. Garrett, 75* — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS
POR
ISALITA

1 volume encader. com 351 páginas. **25$00**

DEPOSITÁRIA:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de **Dr.ª Sára Benoliel** e **Dr. Edmundo Adler**, com um prefácio do **Dr. L. Castro Freire** e com a colaboração do **Dr. Heitor da Fonseca.**

Um formosíssimo volume ilustrado

6$00

Depositária:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º TELEFONE: — 2 0535
N.º 259 — 11.º ANO
1-OUTUBRO-1936

ILUSTRAÇÃO
grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

PELO carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

O ALCÁÇAR DE TOLEDO

O altivo Alcáçar de Toledo, que um punhado de heróicos cadetes escolheu como último reduto do seu fervor patriótico, sintetiza todo o valor, todo o impulso, toda a galhardia da nobre raça espanhola.

Nove longos séculos de existência não conseguiram abalar-lhe os alicerces que o precavido rei Afonso VI mandára lançar para consolidação de uma pátria.

Após ter libertado Toledo da dominação árabe, o monarca conquistador decidiu erguer o portentoso Alcácar que ficaria sendo a fortaleza inexpugnável da sua soberania. Se os moiros, em face dos pactos de capitulação, tinham ficado a residir na cidade, quem poderia prevêr qualquer intento de rebelião? Por isso Afonso VI, mandou construír o Alcáçar, tomando por norma o velho ditado que lhe segredava «mais valer prevenir do que remediar».

A grandiosa fortaleza erguia-se altiva dominando Toledo, e mostrando ao moiro cubiçoso que todos os seus pérfidos intentos seriam esmagados implacavelmente.

Os reis católicos que se seguiram continuaram a ampliar o Alcáçar, instalando ali a sua côrte. Tal como hoje, o coração de Espanha palpitava adentro daquelas fortes muralhas, animados pelo amor da pátria!

E, assim, essa enorme mole de granito manteve-se invulneravel durante mais de seiscentos anos. Mas a terrível guerra da sucessão, eclodindo em 1710, abriu-lhe a primeira brecha por onde entrou o incêndio e a destruição. Os austríacos, sob o comando do general Starenberg, consumaram a obra que os moiros tantas e tantas vezes planearam, e sempre em vão.

Restaurado meio século depois, o Alcáçar voltou a erguer-se imponente, até que a invasão napoleónica o voltou a destruir pelo fogo, ficando apenas os muros exteriores e pouco mais.

Outro meio século decorreu, e novamente o Alcáçar foi restaurado, tendo sido executados trabalhos de incalculavel valor artístico, tais como o Salão Regio e o Salão Arabe que constituiam autênticas maravilhas.

Vinte anos depois, novo incêndio destruia o martirizado monumento salvando-se apenas as paredes exteriores, as cosinhas e as cavalariças situadas debaixo das abóbadas. Entre as preciosidades que se perderam, além da magnífica capela, desapareceu o famoso baixo-relevo de Berruguete, que representava a Virgem, e ficaram destruidas as estátuas de Felipe II e D. João de Austria que Fernando Duque esculpira numa rajada de génio.

Novamente reconstruido, o Alcáçar tornou a erguer-se com a sua imponência de sempre. Nêste momento, uma pavorosa guerra civil envolve-o nas suas rôscas de serpente, e mais uma vez o derriba, numa ânsia feroz de não deixar pedra sôbre pedra. Dentro daqueles muros sagrados combatem briosos rapazes que não hesitaram em sacrificar a sua vida em flôr no altar da pátria.

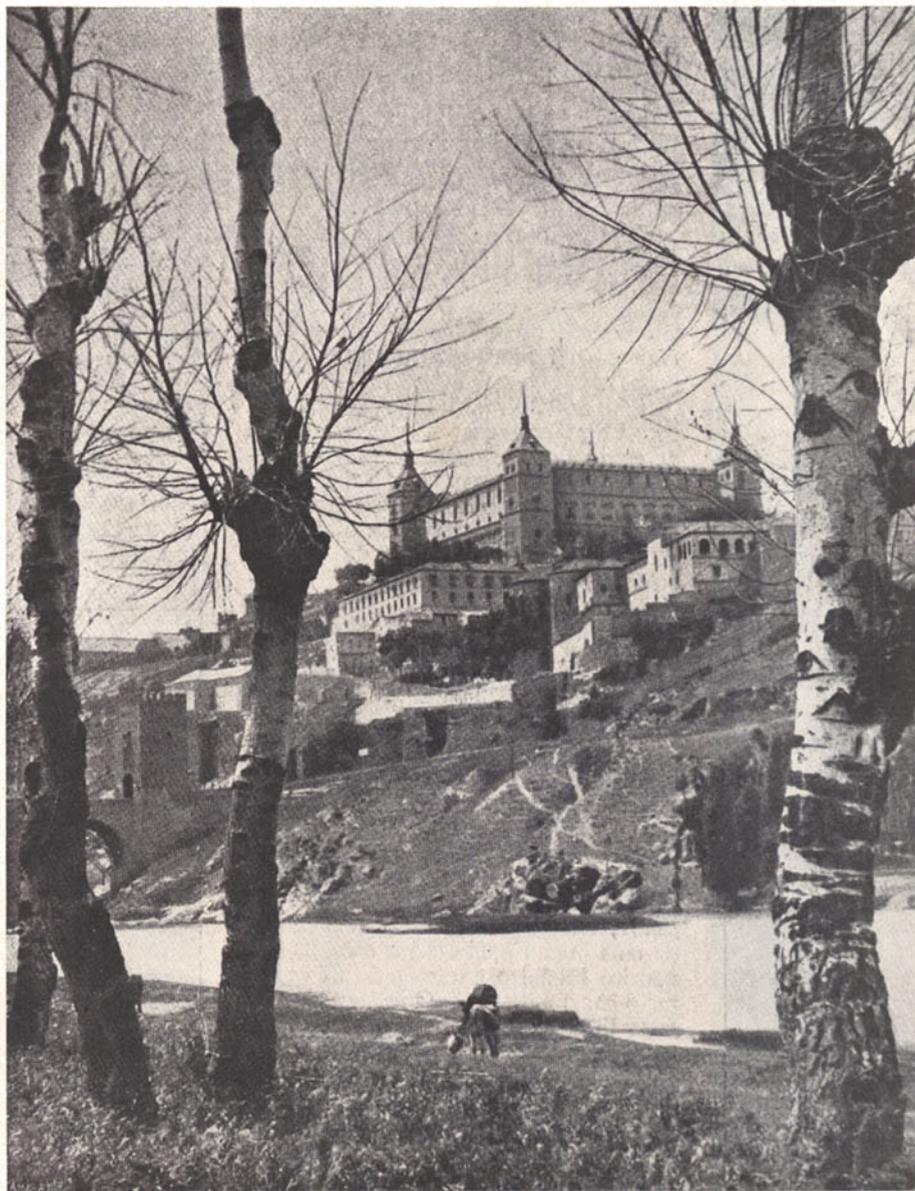
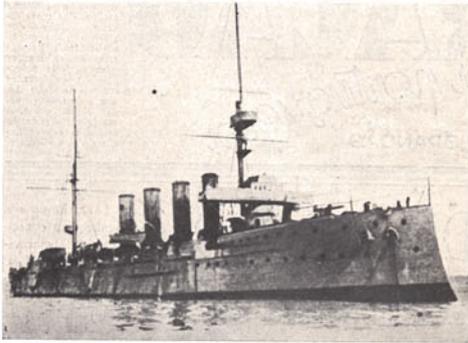
Embora tenham ruído as tôrres altaneiras do Alcaçar de Toledo e tenham sucumbido o último dos cadetes que ali combatem; embora a fúria das granadas e o avanço das chamas tenham completado a sua obra selvática de destruição, a grandiosa fortaleza continuará a ser um dos mais belos monumentos da Espanha eterna.

E quando, àmanhã, à semelhança da Fenix, renascer das suas próprias cinzas, todos os espanhois deverão ir ali em piedosa romagem, afim de robustecer o seu amor pela terra em que nasceram.

O Alcáçar de Toledo, tantas vezes destruido e tantas vezes restaurado, é uma síntese da própria Espanha...

PROBLEMAS SEM SOLUÇÃO

O trágico fim de Lord Kitchener

está finalmente revelado o mistério que o envolvia?

O cruzador «Hampshire»

QUANDO o *Hampshire* se afundou, ao norte da Escóssia, houve quem atribuisse o sinistro á explosão duma mina ali colocada por um submarino alemão. Correu tambem outra versão que afirmava ter o cruzador britânico sido torpediado por um submarino, á semelhança de tantos outros que tiveram igual sorte. Dizia-se que, cinco meses depois da catástrofe, fôra encontrada a boiar á entrada do *fjord* de Stavanger, na Noruega, e muito perto da extremidade sudoeste da península escandinava, uma garrafa, contendo o seguinte bilhete que resumia o suprêmo adeus daquêles que iam morrer:

H. M. S. Hampshire. Estamos vivos, mas por quanto tempo ainda? A nossa embarcação faz água abundantemente. Pouco poderá durar esta situação. Não vemos terra. Adeus a todos. Estamos persuadidos de que seremos vingados. Os nossos camaradas se encarregarão desta tarefa. Fomos torpediados duas vezes, e sem nos podermos defender. O submarino desapareceu em seguida. Estamos cinco nesta embarcação, cansados de remar e estancar a água que continua a entrar abundantemente. Êste é o nosso supremo adeus. Se alguem encontrar êste bilhete, pedimos que o envie a mistress Smith, South Shield.

O facto dêste trágico bilhete ter sido encontrado cinco meses após a catástrofe do *Hampshire*, e ter ido parar à costa norueguesa, não constituiu um argumento contra a sua veracidade. Devemos ter em conta que o *fjord* de Stavanger está situado a 450 quilómetros a éste das ilhas Orcadas. Ora, a existência das correntes marinhas e o estudo da sua direcção demonstram claramente que a garrafa atirada pelos náufragos, não podendo percorrer directamente o Mar do Norte, foi ladeando as costas inglesas, holandesas, e alemãs, até que atingiu o referido ponto da Noruega.

Afirmou-se depois que o bilhete era apócrifo, e a primeira hipótese — a da destruïção do *Hampshire* por uma mina submarina — voltou a subsistir.

Segundo o relatório oficial do almirantado alemão, "na manhã de 29 de Maio foram colocadas vinte e duas minas a oeste do cabo Warurch, pelo capitão Beitzer, do submarino 75. Assim, o *Hampshire* foi destruído por uma dessas minas».

Esta versão oficial foi depois ampliada com vários pormenores. A estação alemã de escuta de Neumunster conseguira decifrar uma mensagem inglesa que fornecia esclarecimentos sôbre a partida do *Hampshire*. Assim prevenido, o almirantado alemão teve tempo de mandar colocar as minas onde melhor lhe pareceu.

Sabia que o cruzador britânico conduziria Lord Kitchener à Rússia, a-fim-de cumprir uma importante missão em face da situação interior dêste país que muito inquietava os aliados. Conhecia a data da partida do barco e o porto de aparelhagem, emfim, o necessário para meter o barco no fundo.

Acrescentou-se também que Lord Kitchener foi praticamente a vítima do seu próprio serviço de reconhecimentos.

Alguns dias antes da partida do *Hampshire*, telegrafava três vezes em menos de uma hora a notificar que o contra-torpedeiro britânico encarregado de explorar o canal a oeste das Orcadas, o encontrara livre de minas. Estas informações teriam posto alerta os alemães que mandaram logo suprir aquela falta. No dia 2 de Junho, um vapor inglês foi destruido no ponto onde devia afundar-se o *Hampshire*. Mas os ingleses, preocupados com a batalha da Jutlândia que então se travava, não fizeram caso da advertência, e, assim, três dias depois, afundava-se o famoso cruzador.

Lord Kitchener

Surge agora outra versão que não deixa de ser sensacional: dois agentes alemães teriam suprimido dois marinheiros do *Hampshire*, e tendo conseguido introduzir-se a bordo em seu lugar, prepararam a catástrofe com todo o vagar e serenidade.

Pelo menos, é o que Ernst Carl acaba de contar no seu livro de memórias "Só contra a Inglaterra».

Êste Ernest Carl começa por narrar algumas peripécias da sua juventude aventurosa. Sendo simples soldado do 21.º regimento de infantaria bávara, em Fürth, arranjara uma farda de tenente para deslumbrar a sua namorada.

E ei-lo imponente, dirigindo-se para a estação de caminho de ferro, quási convencido da sua promoção. Não contou com o seu capitão Malcanche que, encontrando-o na gare, logo o reconheceu. Valeu ao impostor um indivíduo que acompanhava o capitão, e que até achou imensa graça à audácia do rapaz. Êste, procurando comover o capitão, contou-lhe a sua vida. Seus pais, honrados agricultores da Francónia, tinham-no enviado para o liceu, na intenção de lhe prepararem um amplo futuro. Seis vezes fugiu, até que foi parar a Londres. Nesta cidade, começou a ganhar a sua vida como espião por conta das casas de ópio clandestinas. Regressando à Alemanha, ingressou no exército.

O indivíduo que acompanhava o capitão, tendo ouvido atentamente a narrativa de Ernest Carl, pediu ao oficial que perdoasse a falta do rapaz, e propôs-lhe a entrada para o Serviço Secreto, logo que terminasse o seu tempo de serviço militar.

Lord Kitchener momentos antes de embarcar no «Hampshire»

Ernst Carl aceitou.

Decorridos três meses, fez-se um primeiro ensaio para avaliar as faculdades do novo espião. Suspeitava-se de que em Francfort-sur-le-Mein a sucursal duma sociedade comercial estrangeira fazia espionagem. Ernest Carl foi escolhido para conseguir desvendar o mistério, o que conseguiu com rara habilidade.

Pouco depois, sabendo-se que a sucursal londrina das oficinas de pneus Goodrich acabava de receber da sua séde vários desenhos e planos, foi escolhido um indivíduo hábil para se apoderar desses documentos. A escôlha recaíu em Ernst Carl que logo partiu para Londres. Valendo-se da esperteza de que era dotado, conseguiu empregar-se na casa visada como moço de armazem. De tal maneira mostrou a sua actividade, que, a breve trecho, ganhou a maior confiança dos seus superiores. Não lhe foi, portanto, muito difícil abrir o cofre forte e fotografar os preciosos documentos.

Ernst Carl usando indevidamente a farda de oficial para deslumbrar a sua namorada

Rebentou a Grande Guerra. Ernst Carl, munido dos papeis de um oficial belga, o conde Marcel Jaggi, morto em combate, passou para a Inglaterra com os refugiados belgas. Na capital londrina começou a pôr em prática toda a sua actividade, ora trabalhando nos portos, ora nas fábricas de munições, ora nas minas de carvão. Quando não colhia informações, preparava actos de sabotagem.

Ernst Carl e a sua família em Bordighero, na Itália, onde vive actualmente

Tornando-se suspeito em Londres, conseguiu fugir, graças à protecção dos seus velhos amigos chineses que ainda se conservavam nas casas de ópio. Partiu para os Estados Unidos, onde continuou a desenvolver a sua acção. Teve depois a audácia de regressar a Londres, e mais uma vez conseguiu escapar á rêde da polícia inglesa que apanhara nas suas malhas dezenas de espiões alemães.

Ernst Carl voltou a incarnar-se no oficial belga. Frequentava a alta sociedade britânica, não faltava nas suas festas, e assim ia alastrando a sua acção.

Teve, por fim, conhecimento da alta missão de Lord Kitchener, e especialmente dos seus projectos respeitantes à Irlanda, que êle expunha assim aos seus correligionários do "Sinn Fein»:

"1.º — O serviço militar obrigatório será aplicado com o maior rigor aos irlandeses.

"2.º — Esta lei entraria brevemente em vigor. Os irlandeses que se furtassem ao serviço militar seriam presos e condenados a trabalhos forçados.

"3.º — O autor destas medidas era Lord Kitchener».

Em face disto, os "Sinn Fein» planearam a morte do grande ministro. Quando Ernst Carl teve informações seguras de que Lord Kitchener seguia no *Hampshire*, ligou-se com Jack Borne, cabo de marinheiros dêste cruzador, e procurou, por seu intermédio, um lugar na tripulação. Uma vez ali, travou relações com dois irlandeses, um dos quais fazia serviço nos paiois, e convenceu-os por argumentos patrióticos... e financeiros a colocar duas bombas nos depósitos de munições, quando fôsse o momento oportuno.

Quando Lord Kitchener embarcou, as duas máquinas infernais foram colocadas nos locais indicados, começando a funcionar o seu terrivel mecanismo que demoraria umas poucas de horas. Os dois marinheiros conseguiram voltar a terra, e foram refugiar-se num ponto seguro que Ernst Carl lhes arranjara.

E, como se sabe, o *Hampshire*, foi metido no fundo... Esta proeza fez germinar um plano de louca audácia: a destruição de toda a armada britânica, seguindo o mesmo processo empregado no *Hampshire*. Havia marinheiros irlandeses "simpatisantes» em quási todos os barcos. E assim...

Mas Ernst Carl, aliás conde Marcel Jaggi, havia sido desmascarado, graças ao número duma nota de banco. Restava-lhe pôr-se a salvo. Sua mulher, a quem confessara tudo, consentira em acompanhá-lo.

Foram refugiar-se em Althorne em casa da mãe de Jack Borne, o confiado cabo de marinheiros do *Hampshire* que pagara com a vida a confiança que depositara no falso belga. A desolada senhora abriu francamente a sua casa a esse casal que parecia ir acompanhá-la na sua dôr.

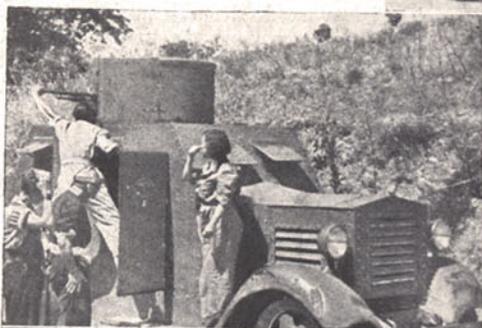
E Ernst Carl alojou-se tão à vontade que ali nasceu a sua filha Ivy Hilda.

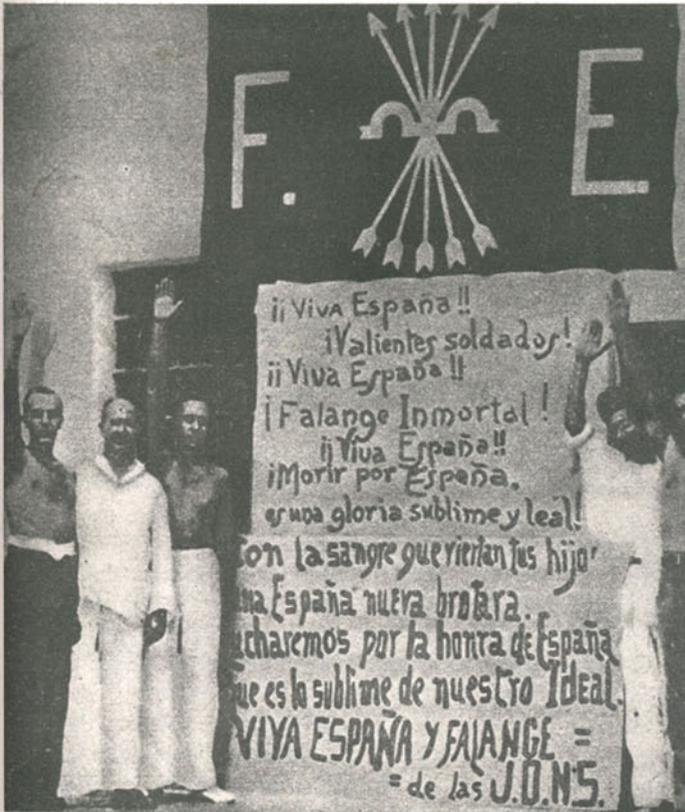
Apanhado, por fim, pela polícia britânica, esteve para ser condenado á morte, quando o armistício o salvou. Foi, em seguida, expulso, regressando á Alemanha.

Hoje, Ernst Carl vive com sua família na Bordighera, sôbre a Riviera italiana.

Ivy Hilda, filha de Ernst Carl nascida na casa da mãi de Jack Borne, em Althorne

A GUERRA CIVIL EM ESPANHA

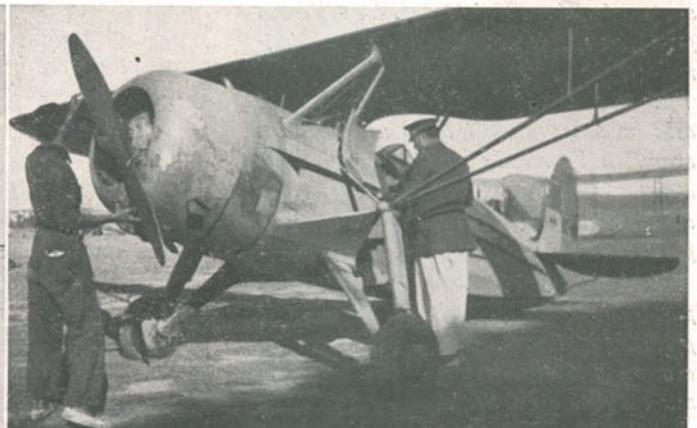
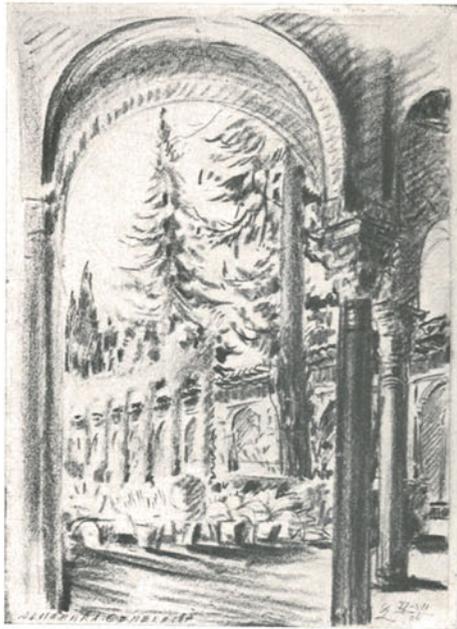
Senhoras da Acção Popular, obsequiando os soldados nacionalistas antes da sua partida para o combate. — O general Cabanellas passa revista em Burgos às tropas vindas de Marrocos. — Em Merida: o racionamento da água.

No segundo plano: um aspecto da frente do Guadarrama, onde as próprias mulheres, na ânsia de bem servir a sua pátria, se expoêm aos maiores perigos, dando assim o mais nobre exemplo às tropas nacionalistas. — Antes da tomada de San Sebastian: uma barricada na rua. — As tropas nacionalistas abrigadas por sacos de areia, dão caça aos últimos marxistas em San Sebastian, logo após a sua entrada nesta cidade. — No terceiro plano: partida de um automóvel blindado para a tomada de San Sebastian. — Em Los Rojos, na Andaluzia, um camião blindado tomado pelas tropas do general Queipo de Llano aos marxistas. — Em baixo: Em Alcarracejos, perto de Cordova, a população chamada às armas, cumpre patrioticamente o seu dever. Enfim, após uma luta feroz, a Espanha renascerá cada vez mais bela, visto que o seu amor pátrio a aureolará. Ficará mais forte porque as nações, à semelhança das espadas, precisam desta forma de têmpera, isto é, enrijam na bigorna, à fôrça de marteladas. É necessário o calor da forja, mas êsse tem-no ela no seu peito com o amor ao torrão sagrado que é muito seu, e não admite internacionalismos que visam apenas o desmantelamento da civilização que nos dá paz, confôrto e alegria de viver. Compreende-se assim o enérgico combate que é necessário opôr à onda do comunismo que, impulsionada por um critério errado, pretende inundar a Península Ibérica. Um país que tão bem cultiva a sua horta, não carece de estragar o estomago com a mistura da salada russa.

A GUERRA CIVIL EM ESPANHA

SOB as insígnias da Falange Fascista, os nacionalistas saúdam o entusiástico apêlo à revolução que redimirá a Espanha assolada pelas hostes marxistas. Quando um patriotismo impulsiona tão bravos soldados, a vitória é inevitável como o rugir do trovão ao faiscar do raio fulminante.

EIS um aspecto interessantíssimo da baía de Soller em Maiorca, onde os nacionalistas encontraram o mais franco apoio à sua obra de redenção. O arquipélago das Baleares tem, como se sabe, uma alta importância estratégica no Mediterrâneo

O lastimoso estado em que ficou reduzida a formosa igreja de S. Roque em Sevilha que encerrava imensas preciosidades artísticas. Os marxistas, na sua fúria devastadora, nada pouparam, como se destruindo templos podessem evitar a justiça de Deus.

EIS como ficou a linda ponte de Niebla, a patentear que passaram por ali marxistas. Na sua fúria, os seguidores das teorias soviéticas, entendiam que, pelo o facto de dinamitar pontes, evitariam a perseguição das fôrças nacionalistas que pugnam pela redenção da Espanha.

UM grupo de crianças, que serão os soldados de àmanhã, junto do monumento de Camões, na Praça de Portugal em Vigo. Se algum exemplo de amor pátrio poderiam dar aos pequenos espanhois, melhor não achariam do que o do imortal cantor das glórias do país vizinho.

EM Tablada: uma avioneta de turismo pronta a sair em serviço de reconhecimento. Como se vê, todas as energias se reunem para a próxima libertação da Espanha. E, então, regressará a paz e a alegria que há tanto tempo faltam em resultado dos êrros cometidos.

Um aspecto de Generalife (desenho de Loukomski)

POR AMOR Á ARTE

GEORGES LOUKOMSKI — O PINTOR ERRANTE

descreve a sua odisseia através das revoltas terras de Espanha

O pintor francês Georges Loukomski é bem conhecido já dos nossos leitores. A sua obra magnífica, apresentada nos vários museus de Paris, Londres, Roma e Milão, conquistou o mais extraordinário êxito. Em Lisboa expôs na passada primavera — como devem lembrar-se — a preciosa colecção das Velhas Sinagogas, tendo sido carinhosamente acolhido por todos os amigos da Arte. A breve trecho, era eleito membro da Academia Nacional de Belas Artes e os seus trabalhos figuravam no Museu de Arte Contemporânea.

A sua acção artística no nosso meio vincou tão profundamente que dificilmente se encontrará um artista que, em tão curto praso, se rodeie de tantos amigos e admiradores.

E' que o pintor Georges Loukomski alia ao seu grande talento uma cultura excepcional revelada em alguns livros que escreveu sôbre Arte. Assim se explica os êxitos grandiosos obtidos em tôdas as grandes capitais do Mundo.

Verdadeiro judeu errante da Arte, tem percorrido a Terra inteira à procura das preciosidades artísticas ainda ignoradas, e que o seu lápis traz até nós em todo o seu encanto e beleza. Com a persistência de um explorador de minas auríferas, não pára nas suas pesquisas, e sempre nos apresenta pepitas novas e surpreendentes do seu talento. Nomeado pensionista da Casa Velásquez pelo Instituto da França, partiu para Madrid em 18 de Junho, começando logo as suas procuras nas Bibliotecas de Arte.

Eis como êle próprio nos relatou esta sua acidentada digressão:

Quando comecei os meus trabalhos, a capital espanhola mostrava-se ainda relativamente calma. No Centro dos Estudos Históricos trabalhei com Gomez Moreno, Sanchez Canton, Fuente Ferrari; Vila, enfim, todos os melhores historiadores de arte e arqueólogos da Espanha. Após longas análises e consultas com Torres Balbas, director da Alhambra, decidi ir fazer estudos da escultura (baixos relêvos) do palácio de Carlos V, em Granada, obra de arte pouco conhecida e nunca estudada a fundo, bem como o castelo de «La Calahora», perto de Guadix.

Obtida a permissão do director das Belas Artes de Espanha, Duarte y Arnete, para estacionar na Academia de Belas Artes de S. Fernando, em Alhambra, que se encontra instalada no antigo convento de S. Francisco, preparei-me para a minha nova digressão.

O pintor Georges Loukomski

Tudo corria às mil maravilhas. Por iniciativa de José Francés, fui propôsto membro da Academia.

Antes de partir para Alhambra, fui convidado a expôr no Museu de Arte Moderna em Madrid. E, assim, mostrei ao público madrileno tôda a minha série de desenhos que representam as obras escultóricas dos discípulos de Miguel Angelo nos arredores de Roma, nas «villas» cardinalícias de Caprarola, Bagnaia, e outras. Saliento que naqueles dias de exposição (1 a 15 de Julho) mais de 3.000 visitantes desfilaram diante dos meus trabalhos, tendo sido adquiridos vários para o Museu e Biblioteca Nacional (secção de gravuras e desenhos).

Terminada a exposição, tomei o rumo de Granada, na intenção de me demorar apenas oito dias, visto que em 1 de Agosto deveria estar em Genebra para inaugurar a exposição de sinagogas, durante o I Congresso Mundial dos Judeus.

No dia 31 dêsse mês deveria encontrar-me na Basileia para fazer duas comunicações no Congresso da História da Arte. Como vê, não páro nunca!...

Com tais preocupações não podia demorar-me com superfluidades. Parti, portanto, para Granada, e, em seguida à minha chegada, comecei a trabalhar... Logo de manhãzinha fiquei assombrado com a presença de canhões á entrada de Alhambra.

Canhões? Para quê? Para fazerem fogo?... Contra o quê, ou contra quem?

Ainda na véspera, o chefe dos guardas escorraçava daquele mesmo lugar duas lindas ciganas, vestidas bizarramente, que importunavam os turistas alemães.

O rigor de tom, de vestuário, e de ordem era tal que nem mesmo os ciganos, apesar de darem uma côr local ao recinto, eram admitidos?

Entretanto chegava o dia 21 de Julho... Mais canhões, mais soldados!! Alguma coisa grave se estava passando... O que seria? Mal tinha descido a interrogar o administrador do palácio Carlos V, sr. Tovinde, os canhões começaram a vomitar metralha sôbre Albaicin!

Instantes depois começava a batalha, feroz, selvagem... e assim continuou durante alguns dias.

Nisto, um avião, voando sôbre Albaicin, deixava caír bombas, espalhando a morte e a destruição. Nos dias seguintes, outros aviões vinham duas e três vezes lançar bombas de quinhentos quilos, sem o menor respeito pelas vidas e preciosidades artísticas! Não se limitavam a atacar os quarteis e o aerodromo, mas a própria Alhambra!

Cinco ou seis bombas caíram à distância de uns 100 metros das obras de arte. Felizmente não causaram estragos de vulto... Ah! mas por desgraça mataram e feriram dezenas de pessoas que nada tinham com a questão travada. No Washington Hotel, em Alhambra, uma bomba, caída no pátio, matou três pessoas...

Apesar da guerra ter chegado ao seu auge, continuei a trabalhar. Nos intervalos ia ao Generalife, e, assim consegui fazer dezenas de desenhos.

Entretanto, em Guadix, as atrocidades dos vermelhos atingiam as mais horrorosas proporções. Numerosas igrejas e monumentos de arte eram incendiados e destruidos.

Uma das carrancas da fonte de Carlos V, em Alhambra (desenho de Loukomski)

Nesta conjuntura, em vez de dez dias, fui obrigado a conservar-me vinte. Faltavam meios de comunicações... Mais de duzentos estrangeiros se encontravam na mesma situação. Pedia-se o repatriamento, mas êste pedido não obtinha deferimento, nem mesmo por meio de aeroplanos.

Se todos se impacientavam, eu, muito especialmente, desejava saír dali, fôsse como fôsse, mas de forma que pudesse estar no dia 1 de Setembro na Basileia. Ora, os caminhos entre Granada e Sevilha estavam impraticáveis: tôdas a pontes tinham sido dinamitadas... Os falangistas, em face da atitude da França para com o govêrno de Madrid, recusavam-nos quaisquer facilidades.

Nisto, os americanos começam a partir por meio de avião. Nós, os francezes, ficamos retidos como refens. Pesquizaram-nos, supondo que podessemos ter alguma simpatia pelos adeptos da Frente Popular!...

Finalmente, no dia 29 de Agosto, foi organizado o 1.º comboio que seguiu, acompanhado por soldados armados de espingarda, em direcção a Sevilha. Estavamos livres, após quarenta dias de cativeiro...

Durante o trajecto de Granada a Sevilha, apenas viamos casas em ruínas ainda fumegantes, igrejas despedaçadas, algumas das quais tinham sido verdadeiros monumentos de arte!

Escombros... luto... dôr...

Uma sinagoga de Pádua (desenho de Loukomski)

Começamos a encontrar as tropas nacionalistas...

Sevilha por fim... Sempre alegre, formosa e entusiasta aquela garrida Sevilha!

Grita-se por tôda a parte a saudação festiva *Arriba España!* Uma vida extraordinária nessa encantadora cidade que é a mais castiça de tôdas.

Todos os francezes tomam o rumo de Tanger, a bordo dum torpedeiro... Todos, menos eu que, fiel à minha promessa de voltar a Portugal, a-fim de realizar um trabalho há muito idealizado, sigo para Huelva... Entro em Vila Real de Santo António... volto a encontrar esta querida Lisboa... e sigo para Tomar, onde realizo uma série de desenhos do Convento de Cristo que ainda êste inverno tenciono expôr em Londres.

E assim exponho tambem tão sinceramente quanto é possível ao meu coração agradecido, a profunda gratidão que sinto por êste querido Portugal que tão carinhosamente me tem acolhido.

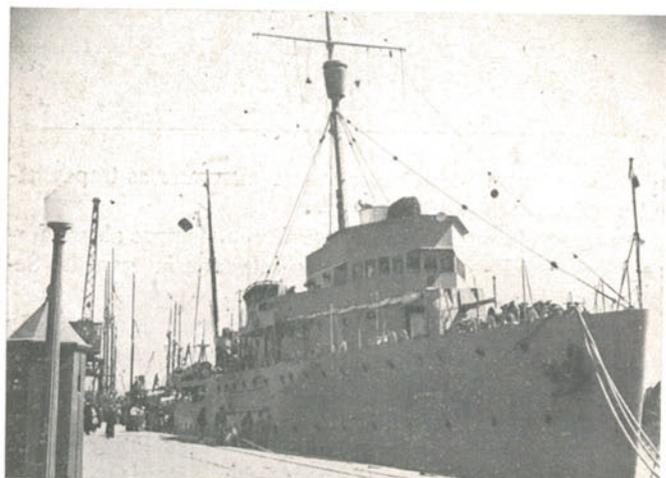
Eis como o ilustre pintor Georges Loukomski nos descreveu a sua odisseia através das convulsionadas terras espanholas.

Ao entrar em Portugal, país que o encanta pela sua beleza, pela sua índole e pelo seu sossêgo, o artista soltou um profundo suspiro de alívio.

O cruzador argentino «25 de Mayo», que chegou a Lisboa com refugiados espanhois. É um belo barco de guerra, moderníssimo, saído há poucos anos dos estaleiros italianos. As suas máquinas têm uma potência de 85.000 cavalos e permitem-lhe a velocidade máxima de 33 milhas horárias.

REFUGIADOS ESPANHOIS

que, ante os horrores que estão assolando a sua Pátria vem acolher-se a Portugal

A sr.ª duquesa Del Prado Ameno conversando a bordo do paquete «Vulcania», chegado a Lisboa, com o sr. Eduardo Pinto Basto. A ilustre aristocrata pertence à mais antiga nobreza de Espanha, contando entre os seus antepassados os mais gloriosos herois.

O transporte de guerra mexicano «Durango» que veio trazer refugiados espanhois a Lisboa. É esta a primeira vez que um navio da esquadra do México visita o Tejo. O «Durango» é uma das novas unidades da Armada daquele país encomendadas há tempos aos estaleiros espanhois.

ALGUNS alunos de várias faculdades espanholas, a bordo do «destroyer» mexicano «Durango» que os conduziu a Lisboa. Os seus cursos ficam em suspenso até o dia em que possam continuá-los dentro da velha Espanha de seus pais e de seus avós. Como estudantes de Direito devem ter confiança no Direito e nas Direitas.

REFUGIADOS chegados a bordo do «Durango». Emquanto o rapaz parece satisfeito por ter alcançado, um porto de salvamento, a senhora da direita cobre o rosto, envergonhada de ter de revelar as atrocidades dos marxistas adentro da sua querida Espanha.

ALGUNS dos refugiados que chegaram a bordo do cruzador argentino «25 de Mayo». Nos seus rostos nota-se ainda o pavor que tantas selvajarias lhes teriam causado. A bagagem que trouxeram é a que se vê na fotografia: o fato que vestiam — e nada mais.

Carta sem resposta

a uma rapariga 100 % inglesa

A carta azul que hoje recebi não me surpreendeu — esperava-a. Havia, em mim, um vago pressentimento que a anunciava. Quando o correio chegou, manhã dentro, o papel azul da sua carta prendeu a minha atenção. Foi a primeira que abri e li. O próprio conteúdo, certas frases que, numa ou noutra fôlha, gargalhavam sarcasticamente não me chocaram.

A minha sensibilidade, o outono dos meus nervos, tudo tinham adivinhado.

Há na sua carta, manchesteriana amiga, um ótimismo sàdio, ótimismo que os seus cabelos loiros e os seus olhos, feitos com água do mar, azuis ou verdes?, pretendem tornar sombrio, naturalizar português.

Muito ao contrário de você, uma garota adorável, século XVIII, tenho a sinceridade e a franqueza de lhe dizer que não me enganou — você feriu, riscou, canivetou a minha sensibilidade.

A culpa foi tôda sua. Nem o destino, as horas ou os dias... foi tôda sua. Você intranquilizou a minha vida. Você ou os seus vinte anos; você ou os seus cabelos loiros: você ou os seus olhos, dois lagos profundamente adormecidos, intranquilizaram a minha vida, chicotearam impiedosamente os meus nervos, o meu tédio, tudo quanto em mim existe, misterioso e vago, doentio, quási ao dobrar dos quarenta. Você ou os seus vinte anos? A sua carta, duas fôlhas de papel, aproximaram-me de si. Você tem razão: tudo quanto é contido na sua carta, pensado por si, está certo, é exacto.

Eis a razão porque fugi de você; porque a não quiz vêr à hora da partida, porque precipitei a minha viagem.

Nestas minhas frases não há sombra de vaidade, não há um gesto duvidoso, uma atitude equívoca. É quási uma confissão — mais do que uma confissão é a tradução, em frases muito simples, de uma realidade intelectual.

Você, bem contra a sua vontade, precipitou-se dentro de mim. Recordo com saùdade — a vida é tôda amassada com saùdade — o nosso primeiro encontro, as frases que trocamos, a nostalgia de certa noite, batida por um luar puríssimo de prata, as minhas frases, postiçamente cínicas, procurando mascarar o tóxico dessa noite. Tudo recordo. Não esqueci um detalhe. Foi tão grande a impressão de felicidade, que não tive forças para lutar contra o inevitável.

Fui atraído pela mística do abismo, pela sedução da realização impossível, pela realidade transformada em sonho.

Se tivesse que depôr num tribunal, não modificaria uma palavra. Depois a tragédia do inevitável, adivinhando a cada momento a presença, próxima ou futura, de "uma formidável lição de moral".

Exactamente como sucede com as crianças: a deslocação de uma carta corresponde sempre, sempre, à quéda do baralho; castelos-no-ar, erguidos pelo sonho, tombados ao sabôr do vento.

A culpa não é tôda minha: é nossa. Certo dia fugi-lhe, fui para a montanha. Você esteve presente dentro de mim. Verifiquei com mágua e tristeza, durante todo o passeio, a realidade impossível. Sem o desejar, tive-a sempre nos meus lábios, misturada entre as minhas frases; arcaboiço de todos os meus pensamentos.

Foi um dia triste. Quási não me prendeu o espéctaculo da montanha, o abismo dos vales, mascarado pelo nevoeiro. Foi um dia triste.

Tinha, ainda, muita coisa para lhe contar; hoje, não; um dia, quando o acaso nos reünir outra vez. Hei-de justificar a sua presença dentro de mim.

Propositadamente ofereci-lhe o meu perfume, o meu companheiro de todos os dias, das minhas horas tranqüilas e intranqüilas. Quis prolongar, em suave perfume, a minha presença dentro de si.

Não me queira mal e não me julgue como os outros que me ignoram, ou não sabem traduzir os meus pensamentos. Seja minha amiga, acompanhe um pouco, ainda que de longe, a minha vida.

Seja sempre presente nesta amizade. As suas frases, "a formidável lição de moral" que se adivinha na sua carta, tudo quanto você pensou e disse, ficou dentro de mim, está justificado: é certo.

Você tem razão. Fiz-lhe mal. Tenho sofrido pelo mal que lhe causei e tenho sofrido por a encontrar, ainda, presente dentro de mim. É tudo, tudo, quanto lhe posso dizer. A culpa foi nossa: "no tempo das vindimas, o próprio vento embriaga".

A. D'E.

NA VASTIDÃO ATLANTICA

Visita à ilha de São Tiago de Cabo Verde

Beleza selvática

21 de Janeiro — Ao saltar do batel, desequilibrei-me e caí, de joelhos, nas escadas da ponte. Instantâneamente se me afigurou a queda de mau agoiro: os meus companheiros de exílio seguiam, deixando-me jazer abandonado. Decerto porque não notavam a minha falta... Quando alguém, que vinha descendo, me levantou, saudando-me. Era Miguel Correia. Amparado pelo seu braço, entrei em Cabo Verde, subindo a rampa da Praia.

A casa, onde nos hospedou o Governador, tinha, além do átrio, cinco quartos: o meu era o único que não tinha janela para a via pública, mas dava para a varanda, sôbre o nascente.

Dormi como um justo.

Acordou-me o Sol. Saltei da cama, em ansiedade. No céu desmaiado rompia do Levante um disco de oiro baço sôbre montes escalvados... Sol martirizado!...

Um povoado de cabanas coroava a rocha negra... Depois, a falésia descia, abruptamente, até ao mar. Fecho os olhos, doloridos...

E, quando os volto a abrir, encontro a inexpressão do casario convizinho, todo caiado a branco. A espaço, vão passando pretas com tabuleiros à cabeça, pretos descalços e andrajosos, com burrinhos carregados de lenha...

Debaixo da varanda, no pequeno pátio, ouve-se o bater dum pilão. É uma melopeia bárbara, sobe, monótona, confrangedora.

Dá vontade de chorar. Mas uma brisa dôce, levíssima, brinca com a minha cabeleira, que ainda mal branqueia. Reajo à emoção com pensamentos graves... E então uma arvoresinha acena-me, de sôbre o muro: tôda a sua folhagem nova é côr de esperança. Sabe ela que as árvores foram sempre, para mim, consoladoras?

Era a primeira planta que via, à luz do dia, em Cabo Verde; ela era a reveladora da flora africana, a Anunciação do Mundo Tropical!

Carlos de Vasconcelos irrompeu pelo quarto... A toada da sua voz era embaladora, marulhante... E começou a falar do Fogo, da sua ilha natal. Era necessário ir ao Fogo, para surpreender a alma de Cabo Verde... Entontecido, quebrei o seu monólogo, que era um filtro de encantamento:

— Carlos, que árvore é esta?

— É uma figueira...

— Uma figueira de Judas?

— Sim, uma figueira de Portugal — acudiu, já distraído.

— Não é, não é... Que brincadeira!

Carlos não gostou do tom do meu espanto. Eu não sabia que êle estava sofrendo da vista. Calou-se, e saíu. Foi o nosso primeiro dissentimento: não foi, infelizmente, o último...

A arvoresinha era, afinal, uma amendoeira. Não a amendoeira de Portugal, mas a terminália catalpa. A linda árvore anunciadora!

Vesti-me e desci cautelosamente a escada, que rangia, para não acordar o general, o coronel, o tenente-coronel, o major — o Exército, que dormia...

Do outro lado — uma igreja! Entrei. Registe-se que a minha primeira visita em Cabo Verde foi para um templo católico. Depois do escândalo do bispo a bordo, era só o que faltava para o meu descrédito de livre-pensador! Confesso, porém, que não resei, embora encontrasse duas imagens do século XVI, muito belas, dignas de culto, que devem ter vindo da Catedral da Ribeira Grande, que caiu em ruínas há mais de cem anos.

Em frente é o Largo da República.

Um lindo jardim com passeios asfaltados, um corêto e um grande tanque, enquadrado por bons edifícios modernos, entre êles o da Câmara Municipal. E árvores! A acácia arábica, a marroçobia, a parquinsonia...

Encontro João de Deus Tavares Homem, que dirige a rega do jardim: põe-me na botoeira um cravo vermelho. Com esta condecoração flamante, sigo sòsinho pela rua Serpa Pinto.

Eis-me no Mercado. Algumas senhoras brancas, já de idade, conversam à entrada. Uma multidão de pretos e pretas em vozearia, comprando e vendendo.

— Quanto custa?

— Dez tostões.

É um punhado de café em grão. Tabaco, mandioca, feijão, batata doce, milho, bolos, laranjas, limões, cocos, papaias, bananas, groselhas, mangas — tudo em pequenas porções, sôbre as mesas limpas ou no chão bem lavado, sôbre palmas de coqueiro ou largas folhas de bananeira. A' roda, os logares cobertos da venda do peixe e os talhos.

Noto a esbelteza de algumas raparigas de côr. Mas há uma impressionante, de beleza peregrina. Dir-se-ia uma grega clássica, pintada de negro — de negro não digo bem, que — tôda a sua macia tez é de um bronzeado ardente.

— Como é linda!

Ela sorri, sòmente...

Mas ri a valer um velho negro, que está a seu lado, vendo-me de tal modo seduzido:

— Parece-lhe?

— Decerto, que é um encanto. E quem a admira não tem de que se envergonhar.

O velho conta-me que tem duas filhas "mais bonitas ainda». São de S. Nicolau.

Saio pela rua de Sá da Bandeira que desemboca num grande campo — Montagarro. Ao centro, o posto da T. S. F.

A cidade fica num grande môrro, a 35 metros de altitude (Montagarro, só ensombrado por algumas acácias, fica no extremo norte dêsse môrro, onde vem dar as ruas principais, tôdas em plaino) e êsse môrro é cingido, a nordeste e noroeste, por dois vales que avançam sôbre o mar, e terminam na Praia Negra e na Várzea, coberta de acácias, tamarindos e coqueiros.

Nas escarpas empoleiram-se feias aves, tristonhas, que se diriam desgraciosas, mesquinhas caricaturas de águias: são as cagarras. Espanto algumas; voam pesadamente.

Avistam-se montanhas — uma delas é bem distante, mas tão alta que a léguas se verá do Oceano. Estou vendo o longínquo pico que assinalou a António Nola e Diogo Gomes, no retôrno da Guiné, a primeira ilha de Cabo Verde?

— Está vendo o Pico António. Lá iremos!

Volto-me. E é para abraçar Abílio de Macedo que há minutos espiava a minha admirativa contemplação...

Um caminho da Ilha de S. Nicolau

23 de Janeiro — Saímos por Montagarro. Transposto o fôsso que rodeia a cidade, que é, pode dizer-se, uma fortaleza natural, deixamos à esquerda a Achada de Santo António.

Arrastam-se no solo requeimado alguns arbustos roídos por cabras que saltam espavoridas, fugindo do automóvel, pelas fragosas ravinas. Pretos, aflitos, desmontam de burrinhos, surpreendidos pelo ronquido do monstro, que passa rápido, deixando-os envoltos em bulcões de poeira.

Erguem-se de tôda a parte montes desnudos, mas raramente escalvados.

A' esquerda uma capelinha: algumas acácias e tamarindeiros vicejam perto. Deixamos, à direita, uma estrada.

Subimos. Já a vista alcança o vale da Trindade. Dantes era todo trabalhado, mas a canalização de água para a cidade condenou à esterilidade a maior parte; nas tôrres abandonadas só alguns coqueiros e mangueiras resistem.

A *Trindade* era propriedade da Mitra, há muito arrendada pelo Estado; nela se conserva ainda um viveiro de plantas e um posto zootécnico.

O automóvel pára num grande recinto, todo coberto de árvores — o Largo do Calabaceiro. Esta designação vem-lhe dum colosso vegetal, que de um só pé lançou nove fustes a grande altura. Em volta, outros calabaceiros inclinam-se, prestam culto à divindade arbórea, o Antepassado maior.

Passamos um macisso de mangueiras, de reluzente folhagem, com frutos e flôres. Vamos por áleas umbrosas, algumas — verdadeiras alamêdas. Como suspeitar esta flora abundosa, luxuriante, ao abordar a ilha, com as suas falésias negras da lava apavorante? S. Tiago não será mais a *Ilha do Degrêdo*...

Entramos no viveiros de sizal.

A volta, velhas e novas árvores acompanham-nos, agitando as frondes sôbre águas cantantes, e sobem as encostas rumorejando sôbre os cafezais e os regadios de cana e mandióca. Sôbre o Tanque Grande alteiam-se as acácias, a arábica, a albirama, a moringe, a allizia, a cajalpinia, a parkinsonia; além, a mangueira alterna com os manípulos majestosos; mais longe, as figueiras bravas da África, que atingem as proporções do carvalho das nossas Beiras, e os tamarindeiros, cuja opulencia de vegetação não encontra rivais, e cujo porte desafia o dos maiores eucaliptos, que aqui se estão aclimatando. Não faltam a alfarrobeira, a marroçobia, a colima, o pau-ferro... E os coqueiros, estralejando por sôbre todo o macisso florestal as suas folhas revoltas, ondeantes.

Rodeando os viveiros, é todo um pomar: primeiro as auranciácias, a laranjeira, a tangerineira, o limoeiro, a limeira; depois a goiabeira, o cajueiro, a romanzeira, o jambureiro, a papaia; por fim, a anoneira, o pinhão, a pinha, a nespereira. As bananeiras estão carregadas de cachos maduros e sustentando os vistosos pendões de flôres rôxo-vinho...

Macissos de cardiais, de sempre-noivas, de canas índicas, moitas de lântana...

E deparo, surpreendido, com grandes zambujeiros. Informa-me João de Deus que perto, nos Orgãos, há oliveiras que florescem mas não frutificam. Quem tentaria aclimatar aqui a sagrada árvore de Minerva? Estes zambujeiros, que contemplo, tem já séculos...

Subimos do vale da Trindade a um planalto. Para noroeste, um largo espaço verdejante! São as plantações de sizal entre os Montes Leão e Rui Vaz. Para leste, na vastidão cortada de purgueiral, uma casa branqueja.

A estrada é tôda bordada de sizal e piteiras; aqui e além cabanais colmados, habitados por mísera gente, que todavia alegremente nos saúda. Sempre cabras fugindo por entre o capim destroçado; algumas, mansas, conduzidas por garotinhos nús, róem, à volta dos funcos, brotas de espinheiro.

Chegamos à *Achada do Cancêlo*, onde labora a Fábrica da Empresa de Desfibragem do Ágave, que arrendou ao Estado a plantação de 700.000 pés de Monte Leão e se obrigou a plantar mais 150.000 por ano. A fábrica é servida por um Decauvile e, emprega 400 pessoas. Trabalha a carvão e lenha, e esta vem, quási tôda, da Guiné!

Bananas de boa apresentação

Descemos, a pé para o Vale da Fonte por um trilho pedregoso, entre sébes de espinheiro, de purgueira e de pinho.

— "Bôas-horas!» — cumprimenta um mulatinho, que está abatendo lenha. Interesso-me por êle; tem uma cara viva, que promete actividade, energia. Anda no 4.º grau, mas o professor está de luto, que lhe morreu a mulher, e como a escola está fechada, explica, anda ali trabalhando.

Cratera dum vulcão extinto em Santo Antão

Cães farejam. Caça?

Carlos de Vasconcelos, que cansa nas subidas, vai à frente do nosso rancho, numa burra branca. Trepamos a encosta íngreme até à *Achada da Fonte*, que defronta a *Achada do Cancêlo*.

A casa de Alfredo Barbosa, onde vamos jantar, é, como tôdas as de S. Tiago, do tipo português continental do norte; apesar de não serem próprias dêste clima, persistem sem modificação.

Na sala um retrato oleográfico de Afonso Costa... E na moldura lê-se: "A 460 metros de altitude. O Afonso? Deve ser a casa.

Ao lado, uma fotografia — quadro de família: num canapé, sentadas quatro criancinhas, e duas senhoras, uma de cada banda; de pé cinco meninas e um rapazote.

— É a família? — pregunto.

— Ainda faltam dezasseis filhos, que tenho *por fóra*... — responde Alfredo, sorrindo.

Alfredo vive na cidade. Mas tem várias casas de campo. E em tôdas tem família... Por isso o engenheiro Macêdo ajunta: — Mais 16 filhos *por fóra?* Mais 160 diga; 160 é que é...

Assomo à varanda. O vale desce, precipitadamente. Perto, uma garganta aperta-se entre grandes penedias que parecem despenhar-se: depois é um cáos de lavas basálticas, que evocam a tragédia vulcânica. Ao longe, para sueste, elevações culminando em picos.

E, sôbre o Monte Vaca, o Monte Facha e o Monte Vermelho, a casaria da Praia e o esplendor do Mar.

À volta da casa as culturas: o milho, já maduro, a bombardeira e a purgueira. Atravez do campo refocilam porcos, pardos, de orelhas espetadas para cima e divagam galinhas e perús, esgaravatando.

Regressamos. Alfredo Barbosa acompanha-nos até *Figueira Portugal*. O luar suavisa a paisagem adusta, e a rotina fixa, ao silêncio da noite, pesadelos de morros que ameaçam, aparições fugidias, de escasso arvoredo, silhuetas de piteirões, vultos de funcos, raras sombras humanas... Até que, passando Vila Nova, ouvimos o Oceano.

O automóvel arfa, na subida de Montagarro. Logo chegamos: no Passeio Público a Banda Municipal está já tocando.

Lopes d'Oliveira.

"NINGUEM DIGA..."

A vida dá-nos, constantemente, lições de que poderiamos tirar grande proveito, se nos resolvessemos a tomá-las como boas.

Mas, infelizmente, ninguem ou pouca gente quere acreditar na veracidade do seu ensinamento profundo e que tão úteis conseqüências traria para tôda a humanidade, a ser seguido convictamente.

Temos quási todos o mau hábito de censurar os outros, sem nos lembrarmos de que o mesmo mal pela porta nos vem, e de achar digno de castigo exemplar faltas que depois nós somos forçados a também cometer.

■

Tem-se visto e ouvido maus tratos e recriminações a uma criança que quebra um prato, como se tivesse cometido um crime sem precedentes.

Não querem lembrar-se de que o mesmo pode acontecer a qualquer e que não se quebram loiças de propósito, a não serem os palhaços especialisados em tal mister.

Isso, porém, é uma outra história, como dizia Kippling.

Os pais têm por obrigação não amedrontar os filhos, ameaçando-os de pancada se estragarem isto ou aquilo.

Pode daí provir desgraça inevitável.

Tive ocasião de ver em Paris um pai procedendo ajuizadamente com o filho, um rapazinho de seis anos, que foi comprar-lhe um charuto e o estragou no caminho, porque caiu.

Muitos pais e mãis, seguindo uma orientação errada, teriam batido na criança, enchendo-a de terror, e para a outra vez o rapazito, se tal lhe acontecesse, seria capaz de fugir de casa.

Mas êste não cometeu semelhante injustiça.

Como o garoto se demorasse, foi ao seu encontro e viu-o chorando, sentado no chão, cheio de mêdo.

Pegou nêle ao colo, acariciou-o e disse-lhe que não valia a pena chorar, que eram coisas que aconteciam a qualquer.

E' assim que se deve tratar alguem que comete um êrro acidentalmente, sem propósito nem intenção.

Muita gente diz, ao ver qualquer acto desastrado:

— "Eu não sei como se fazem estas coisas, sempre a entornar, sempre a partir...

Pois quando lhes acontecer, já ficam sabendo como é, e quasi nunca tarda a demonstração pela prática do mesmo êrro ou acidente.

■

Só há um caminho a trilhar, para não cair nos mesmos êrros que tão maus resultados dão: Primeiro, não cantar vitória sôbre os infelizes em luta com ruins paixões, e não se gabar de ser mais esperto.

Segundo: em vez de censurar, estudar a causa de tal infelicidade, blindar a alma e a consciência contra os ataques do mesmo mal. E, assim, terá o homem cumprido a sua missão de ser consciente e probo.

A desgraça ou inaptidão do nosso semelhante não deve merecer as nossas censuras, mas a nossa piedade e não nos julguemos os melhores, nem os mais fortes.

Só dominando pela vontade influências estranhas, e na posse plena do nosso juizo crítico, para sabermos distinguir a miragem enganadora da realidade insofismável, é que talvez — porque há que contar com o destino — possamos iludir o ditado que me serve de título para esta crónica.

E, contudo, é certo que é possível atenuar a infelicidade da sorte, com fôrça de vontade para resistir-lhe, e uma fiscalisação consciencioса dos nossos actos.

■

A sabedoria das nações afirma que "pela boca morre o peixe" e ainda assim êle morre unicamente por guloseima, por não ter fôrça de vontade para resistir ao petisco aliciante que o astuto pescador lhe oferece junto ao gancho que o ha de prender.

A humanidade, se não morre pela bôca como o peixe — e vamos lá que ás vezes também apanha indigestões por ser glutona — peca sempre pela língua, por essa volúpia de dizer mal que corrói a alma de quem por ela se deixa seduzir.

E como na vida não há situação estável, como todas as ilusões, todas as vaidades e todos os orgulhos se desmoronam, ao vento do destino, como construções de papelão hàbilmente dispostas, segue-se que as famílias onde a ordem era senhora soberana se vêm sùbitamente a braços com a desordem, a zaragata e a balburdia, que tanto censuravam à família sua companheira de escada, onde por artes do capricho da sorte entrou a tranqüilidade e paz de consciência, dominada pela atitude enérgica do chefe, que conseguiu convencer a sua prole de que a verdadeira felicidade está no trabalho e na ordem. E agora já os que antigamente os censuravam sabem como tais coisas acontecem...

■

Outro defeito é também a censura por acontecimentos que ninguém pode evitar que lhe toquem de perto, um dia.

Famílias socegadas fartam-se de dizer mal de outras onde reina o barulho e onde as zangas são o pão nosso de cada dia.

Não há destempêro crítico que não lancem em rosto aos pobres brigões, presas de passageira insânia, às vezes obrigados pelas dificuldades de vida.

— "São uns zaragateiros, não se podem aturar, Deus nos livre de tal vizinhança" — dizem os que por sorte feliz ainda não lhes caíu em casa o grãozinho da discórdia.

Mercedes Blasco.

MENTIR...

POR LAURA PITA

*Não me mintas! — suplicaste,
E eu prometi não mentir...
Não me fujas! — imploraste,
E eu prometi não fugir!*

*As promessas que te fiz
Bem as quizera cumprir!
Seria muito feliz
Se te pudesse seguir...*

*Por tôda a vida e na morte,
Vendo os teus lábios sorrir,
Não teria medo à sorte
Que me tentasse ferir!*

*Mas, meu bem, há o destino
Que nos muda a direção
E o coração pequenino
Obedece, queira ou não!*

*E mentimos... e faltamos,
Quantas vezes sem noção,
Maguando quem mais amamos
Sendo outra a nossa intenção.*

*Há mentiras com virtude
Que amparam nossa ilusão:
Mentiras que dão saúde
Rosas mudadas em pão!*

*Como as da Santa Rainha,
Que, segundo a lenda diz,
P'ra repartir o que tinha,
Mentia ao rei D. Diniz.*

*Como êste lhe preguntasse
O que levava escondido
— São rosas! — e estende a face
Para beijar o marido.*

*Mentiu, mas enxugou pranto
Que os pobres tinham chorado,
Protegendo com seu manto
Quem via necessitado.*

*Mentiu, mas os lábios seus
Ficaram imaculados,
Porque a alma ia até Deus
Pedir pelos desgraçados!*

*S. Pedro também negou
Ser discípulo de Cristo,
E falsamente jurou
Nunca tal homem ter visto!*

*Deus perdoou a mentira
Ao amigo dedicado,
E diz-se até que sorrira
Não extranhando o pecado!*

*Todo o lábio de mulher
Mente sem se profanar —
E o grande amor que ela der
Mente a rir, mente a chorar.*

*Perdoa se eu te esconder
Alguma verdade dura...
É p'ra teu bem — podes crêr,
Minto p'ra te dar ventura!*

FALAR VERDADE!

POR MARIA DA GLÓRIA

*Mentir!? E para quê? A cotovia
Adivinha que vai surgir a aurora...
De que serve negar a luz do dia,
Se o sol há de raiar à mesma hora?*

*Tudo no mundo é franco e verdadeiro
Com suas côr's bizarras, naturais.
O mentir, que tu crês tão lisonjeiro,
É defeito dos lábios — nada mais!*

*Não mintas. Neste mundo o que é humano
Deve ser posto a nú. Olha o ditado
A dizer que "mais vale um desengano
Do que viver assim, sempre enganado".*

*Mentir! Feio pecado... Melhor fôra
Que a Rainha Isabel, em vez de rosas,
Entreabrisse a sua alma encantadora —
Que era um lindo jardim de obras piedosas.*

*Não mintas. Neste mundo nada mente,
E tudo se conserva ao nosso alcance:
Podemos, lá do cimo, olhar em frente,
E sem que o nosso olhar nunca se canse.*

*Não mintas. Para quê? Para enganar?
Para fingir que sentes compaixão?
Poderás iludir o próprio olhar,
Mas não mentirás nunca ao coração.*

*Êsse, que te conhece, e não se ilude,
E sabe o que a tua alma quer e sente,
Há muito profundou, nessa atitude,
Que mentes a ti própria unicamente.*

O professor de dança, quadro de Ph. Canot

SOB OS AFAGOS DO RITMO

A saüdosa polka fez cem anos...

e promete voltar lá do Tirol com o fim de expulsar o «jazz-band»

A velha polka que tanto alegrou os nossos avós acaba de completar cem anos. À semelhança das mulheres formosas que tiveram a desgraça de envelhecer, a graciosa polka foi posta de parte, e ingratamente esquecida.

Finalmente, o Tyrol, sua pátria, acaba de festejar-lhe o centenário. A vèlhinha reviveu durante uma semana os estrondosos triunfos de largos anos.

Relatemos o seu prodigioso nascimento.

Um dia, uma jóvem aldeã de Elbelkostelec, no Tyrol, imaginou um novo ritmo de dança. Executou os primeiros ensaios no pátio da sua casa, ante o espanto das pessoas que assistiam.

A ladina Esmeralda — assim se chamava a rapariga — começou a inventar passos, levantando a saia à altura das botinas. Fazia isto para atraír a atenção dos rapazes, e muito especialmente para agradar ao jovem mestre-escola da freguesia, que, com uma flor nos dentes, e os olhos baixos, fitava apaixonadamente os pés da graciosa bailarina.

Permutando o desejo de agradar, o jovem professor compôs uma música que acertava lindamente com o ritmo inventado por Esmeralda. No domingo seguinte, a música foi executada, tendo Esmeralda dançado com o professor Neurda, ante os calorosos aplausos de tôda a assistência. O par girava sôbre si mesmo, marcando o ritmo com cada pé que batia ligeiramente no solo, por seu turno. Um triunfo, um autêntico triunfo!

Assim nasceu a polka, a saltitante polka que tanto alegrou os nossos avós.

O professor Neurda intitulou-a "Esmeralda", visto ser êste o nome da sua apaixonada que tão engenhosamente a inventara.

Dentro em pouco, a "Esmeralda" tinha dado a volta ao mundo, e com um êxito sempre crescente. Viena e Baden consagraram-na inteiramente, desde a sala mais humilde aos mais aristocráticos salões. Quando apareceu em Paris, alcançou um verdadeiro triunfo.

Nesses belos tempos, a polka, tão celebrada em todo o mundo, pouco ou nada rendeu aos seus autores, atendendo a que o vil interêsse não andava tão intimamente ligado, como hoje, à ânsia de conquistar a glória.

Já lá vão cem anos — e os nomes de Neurda e Esmeralda ainda não esqueceram... Já foi alguma coisa...

É certo que o jovem professor tirolês, ao compor a música que deveria acompanhar a dança a dois tempos, que a irrequieta Esmeralda inventara, não sonhou com tão extraordinário êxito. Ao traçar as notas musicais sôbre a pauta, pensava apenas, em agradar à sua namorada — e com um beijo que ela lhe concedesse, sentir-se-ia sobejamente remunerado.

Essa música em compasso binário, que tão inspiradamente compuzera, serviria para abrir, quando muito, o seu cortejo nupcial. E, sendo assim, que mais poderia êle desejar?

Era feliz a música? A mão que a escreveu havia sido guiada pelos formosos pés da galante tirolesa...

Uma senhora francesa, ainda impregnada dos perfumes românticos de outros tempos, manifestou uma original maneira de se prestar culto ao professor Neurda, que foi o mais celebrado maestro do seu tempo... embora tivesse apenas escrito a primeira polka que apareceu no mundo.

— Nestes tempos que vão correndo — dizia a tal dama francesa — seria justíssimo recompensar o valor do professor Neurda, erguendo-lhe uma estátua, em volta da qual as netas das senhoras que tanto pularam a polka organizassem bailes animados nas lindas noites de Agosto, à luz branda e ténue das estrelas.

As jovens, pendidas languidamente no braço dos namorados, iriam recordando êsse belo tempo em que um rapaz, para agradar à sua bela, realizara o prodígio de produzir uma obra prima musical... Mas, por sua vez, os rapazes exigiriam também de suas namoradas dedicação idêntica, visto que a verdadeira, autêntica e genuína inventora da polka foi a galante Esmeralda — e tão sòmente para agradar ao seu "mais-que-tudo".

Nos tempos actuais seria exigir muito... mas, com um pouco de boa vontade, talvez se arranjasse uma *rumba* mais ou menos mexida, consoante as indicações técnicas do colaborador.

Tudo isto seria adorável, mas impraticável, pelo menos no que dissesse respeito a direitos de autor.

Se uma senhora, dando largas à sua imaginação, engendrasse um bailado novo, iria pedir ao primeiro músico que encontrasse o favor de lho passar, em boas notas, para a pauta musical, isto no caso de não se entender com as pintas pretas que partem da curva graciosa duma clave de sol. Depois mandaria editar a sua obra, sem esquecer de lhe pregar com um retrato de boa pose na capa da partitura. E' claro que, não aludindo aos retoques sofridos pela fotografia, também nada teria que dizer com respeito aos retoques aplicados à peça musical.

Hoje aconteceria assim... Mas que uma dama fizesse um tal sacrifício com o único fim de agradar ao seu Adónis, isso é que não acreditamos que pudesse acontecer, nem que êste fôsse o próprio Franz Lehar ou o nosso Wenceslau Pinto.

Por outro lado, se qualquer dos muitos professores primários que para aí temos — e alguns com grande inspiração musical — se lembrasse de imitar o seu colega tirolês, passaria pelo desgosto de ser chamado à polícia em face duma queixa em regra que a namorada teria feito dêle, alegando ser a única autora, e portanto a única entidade competente para receber os elogios da crítica... e as vantagens monetárias em vigor.

Por menos do que isso, estiveram para arder, há meses, mil tantos metros dum superfilme de fabrico nacional.

Portanto a tal homenagem ao autor da polka, não poderia frutificar em exemplos enternecedores como a tão bondosa quão sonhadora dama francesa calculou.

As Esmeraldas de hoje não são tão desinteressadas como as de há cem anos, e os Neurdas — se ainda fôsse possível vislumbrar algum — não teriam grande margem para pôr pé em ramo verde.

Quando a polka, ao cabo dos seus retumbantes triunfos parisienses, transpôs a fronteira portuguesa, a mocidade de então delirou, entrando a pular desalmadamente.

Depois, as contínuas variantes que nos feriam, a cada passo, os ouvidos:

Ponha aqui, ponha aqui o seu pèsinho,
Ponha aqui, ponha aqui ao pé do meu;
Se êle é feio, se êle é feio ou enganchado,
É como o Senhor o deu...

A polka, entrando triunfadora como a auréola vitoriosa de Napoleão, teve, como seria de calcular, o seu declínio.

Quando menos se esperava, aparecia a valsa com o seu passo dolente e ondeante, a espalhar uma embriaguez mórbida na alma sonhadora das jovens que ainda choravam com as lamentações doentias da "Dama das Camélias".

O rabequista, quadro de Teniers

E, então, de olhos no firmamento que o tecto do salão de baile nem sempre imitava condignamente, as jovens dêsse tempo volteavam docemente, docemente, com grande tormento dos espartilhos de barbas de baleia que muitas vezes sofriam fracturas mais ou menos graves. As donzelas, cloróticas e merencórias como Ofélias, gemiam maguadamente sem perder o ritmo da valsa dolente:

Ai! Jorge, encantos meus,
Roga aos céus .. e tem de mim piedá-á-á de!...

E aquilo ia correndo menos mal, dando a impressão de que todos os Jorges eram piedosos e que as suas vozes, ao contrário do que está previsto num velho ditado, chegavam sempre ao céu.

Outras vezes, já em pleno domínio da *Viuva Alegre*, guinchava-se pelos salões o estafado estribilho:

A tua mão está fria,
Mas tem um tremor...

É claro que em tudo isto havia uma refinada mentira, talvez para confirmar o rifão das mãos "mãos frias, coração quente". As damas, não só tinham as mãosinhas quentes a escaldar, como até suavam por todos os póros, após o volteio contínuo de algumas valsas. Foi talvez até para disfarçar a sua qualidade sudorífera que passaram a usar os sovaquinhos de *cautchou*.

Mas o cavalheiro, embora sentisse escorregar-lhe a mão suada da da dama, insistia sempre na sua toada sèdiça:

A tua mão está fria,
Mas tem um tremor...
Ela não tremia
Sem o teu amor!...

E a mãosinha tremelicava de emoção. Se não tremia, fazia-se de conta...

E, assim, foi destronada a saudosa polka de tão deliciosa memória...

Depois vieram os *tangos*, os *fox*, as *rumbas*, e não sabemos o que virá mais ainda, lá dos confins das Áfricas ou das Américas, ao som infernal do *jazz-band*.

As raparigas de hoje, que pareciam sentir uma grande atracção pelo *Charleston*, pois até pediam em altos gritos:

Madre, compra-me um negro,
Compra-me um negro para bailar...

vão-se afastando cada vez mais dos catingosos saracoteios de Josefina Baker.

O que será o dia de amanhã? Sabe-se lá...

Ainda assim, tudo nos faz acreditar no próximo regresso da polka saltitante, que, diga-se o que se disser, ainda foi do que melhor se inventou no mundo da dança.

Cumprido isto, o Tyrol, à falta de outras vitórias, terá esta, que será a mais bela de tôdas.

Gomes Monteiro.

SOB A ÉGIDE DE SANTO HUBERTO

OS PRAZERES DA CAÇA

assentam numa ferocidade que é vedada ao lobo e à raposa

Em pleno mês de Outubro, a caçador sente-se com redobrada coragem para prosseguir na sua distracção venatória. O mês anterior serviu-lhe apenas de treino. E, então, é que é atirar desalmadamente às perdizes, às lebres e aos coelhos.

O caçador, sempre insatisfeito, não se cansa de esperar pela narceja, pela tarambola, pelo tôrdo, e até pelas galinholas. O próprio pombo torcaz, tão hábil e tão ligeiro, não consegue evitar os perigos da negaça.

Enfim, o homem, que é a fera mais requintada da criação, não pára um momento na sua tarefa sanguinária.

Não existe no mundo outra féra que se delicie na carnificina, só pelo prazer de matar. O lobo só desce ao povoado quando é acossado pela fome. O homem, não. Depois de bem almoçado, é que sente maior ânsia de abater os inofensivos habitantes da montanha.

Nunca podemos compreender a sensibilidade de Bulhão Pato que, sendo um inspirado poeta, tinha um orgulho enorme em pregar um tiro na primeira avesita que se lhe deparasse! Foi talvez por isso que nunca podemos entender a «Paquita».

Em compensação, um dos nossos poetas — o desventurado Gomes Leal, tendo ido, certo dia, almoçar fóra de portas, encontrou no restaurante onde entrara uma enorme gaiola cheia de pardais que esvoaçavam assustados quando alguem se aproximava. Previam talvez a sorte que os esperava, dali a pouco, numa caçarola com os competentes tempêros...

O poeta foi até junto dos pobres pardalitos, e improvisou, ali mesmo, um hino à liberdade. Depois abriu a gaiola, e soltou os prisioneiros. Quando o dono do restaurante acudiu, aflito, já o último pardal tinha batidos as asas.

— Então o senhor deixa-me fugir os pássaros?

— Não se apoquente — respondeu Gomes Leal — eu pago a fiança.

— Mas como hei de eu fazer o almôço?

— Arranje bacalhau com batatas, e ficaremos todos satisfeitos.

Por sua vez, o nosso querido João Saraiva jurou, certo dia, não tornar a lançar mão duma espingarda caçadeira. É que, tendo feito fogo sôbre uma avesita que se empoleirara entre a folhagem dum salgueiro, verificou que matara um rouxinol.

— Nunca me perdoarei — dizia ele compungido — matei um colega. Nunca mais irei à caça...

E tem cumprido a sua palavra. No entanto, os factos que apontamos são isolados, e qualquer caçador, ao ouvi-los relatar, não deixaria de sorrir da nossa sensibilidade piegas.

— Pois haverá coisa melhor — diria um fervoroso devoto de Santo Huberto — do que galgar montes e valados e voltar para casa com o cinturão bem ornamentado de peças mortas? O desporto venatório, além de produtivo, pois com êle se organiza uma apetitosa jantarada, dá um grande exercício aos músculos, e tonifica os pulmões com ar puríssimo.

Talvez assim seja... Mas então para que se organizam montárias na intenção de abater um lobo que, tendo descido da sua serra, se deu ao luxo venatório de esventrar uma ovelha tresmalhada? porque referve o homem em tão rubra indignação porque uma raposa desceu arteiramente até à aldeia, aproveitando a noite luarenta, e levou nos colmilhos aguçados a melhor galinha da capoeira?

Terá o homem mais privilégios, só porque se intitula balofamente detentor do raciocínio?

Quem se tenha dedicado um pouco ao estudo da História Natural, quer teórica, quer pràticamente, verificará que o tal raciocínio de que o homem tanto se orgulha serve apenas para lhe infernizar a vida.

Não é o raciocínio que lhe dá os dons da bondade, da perseverança, e até da abnegação. E' freqüente vêr morrer um cão, roído pela paixão, sôbre a sepultura do seu dono. Quando é que se deu um caso dêstes entre os homens?

E' vulgar vermos um cão atirar-se à água para salvar uma pessôa prestes a afogar-se... Se, em vez de um cão, o pobre náufrago tivesse por companheiro, um amigo, ou um irmão até, se quizerem, êste limitar-se-ia a berrar por socôrro, visto recear perder a vida também, num mergulho que não estava de harmonia com a sua índole.

Como caçador, o homem, por mais bem apetrechado que esteja, não conseguirá nunca aproximar-se das qualidades estratégicas do gato. Observam-no bem, sondem-lhe a persistência e verificarão que o mais perfeito caçador se sentiria envergonhado ante a perícia do mais humilde bichano.

Afinal, a tal balela do raciocínio não serve para nada, pelo visto.

No entanto, o caçador não se preocupa com estas coisas. Logo de manhãzinha sai com os seus galgos, e lá vai bater mato, na ânsia de matar seja o que fôr.

Esta tendência cruel abrange também as mulheres que, armadas de escopeta, fusilam o primeiro tordo que encontram.

E com que galhardia ostenta no cinturão as pobres aves mortas. Ao vêr uma linda rapariga, de arma em punho, na firme disposição de exterminar tôda a caça de sete gerações, temos a impressão de estar fitando uma dessas ferozes amazonas de outros tempos que rodeassem a cintura forte com os crânios dos desventurados que lhe caíssem nas impiedosas mãos. Não, não está bem. A mulher não veio ao mundo para brincar com armas de fogo, mesmo que seja para atirar às perdizes.

Bem basta que fusilem o coração dos homens com os seus olhares que conteêm mais explosivos que uma granada de quinhentos quilos.

IMPRESSÕES DE BERLIM

As mulheres nos Jogos Olímpicos

A americana Dorothy Poynton, campeã de saltos artísticos para a água, que adoptou no estádio um chapéu mexicano para se abrigar do sol

EMBORA o barão de Coubertin, criador dos Jogos Olímpicos modernos, tenha declarado recentemente que na sua idéia as competições desportivas dos Jogos deviam ser reservadas apenas aos indivíduos representando o apuramento máximo do vigor e da perfeição física, repudiando a inclusão no programa das provas femininas, é impossível negar como factor de interêsse a presença das mulheres no contingente universal dos concorrentes olímpicos.

Depois dum certo número de exageros iniciais, cujas consequências estabeleceram uma atmosfera confusa, os dirigentes procederam a mais cuidadosa e apropriada elaboração do programa feminino, conservando apenas as modalidades coadunaveis com a gracilidade e as caracteristicas fisiológicas da mulher.

Nos Jogos de Berlim, as provas femininas compreendiam corridas de natação e saltos para a água, esgrima de florete, ginástica aplicada e atletismo, êste incluindo corrida de 100 metros, corrida de barreiras em 80 metros, estafeta 4×100 metros, saltos em altura, lançamentos do disco e dardo.

Vinte e seis países enviaram a Berlim representantes do sexo fraco que, para os efeitos da sua missão, deviam essencialmente ser fortes. Esta falange internacional, na qual se incorporavam delegadas dos quatro cantos do mundo, formava um contingente total de 400 raparigas que o Comité alemão instalou em comum nas dependencias do Instituto de Cultura Física, destinadas no futuro à residência dos alunos estagiarios e onde, durante o período dos Jogos foi implacavelmente proíbida a entrada de elementos do sexo masculino.

Madame Kaehler, alemã, detentora da medalha de bronze em saltos (natação)

Havia, nessas heteróclitas quatro centenas de atletas olímpicos, os tipos mais diversos e as raças mais variadas; chinesas e japonesas, norte-americanas, argentinas e brazileiras, australianas, escandinavas e italianas, polacas e holandesas, europeias de tôdas as origens, viveram lado a lado quinze dias duma existência paradoxal, só possível pela fôrça atractiva do desporto.

Ao contrário do que podem supôr muitos dos nossos leitores, a grande maioria dessas desportistas era, apezar do seu valor atlético que muitos especialistas-homens desejariam possuir, essencialmente feminina, e as caras bonitas, os corpos esbeltos, fáceis de encontrar.

Pondo de lado as excepções que mais adeante referiremos, e que apenas servem para confirmar a regra, a observação cuidada das concorrentes ás provas olímpicas de Berlim resultava numa apologia do desporto feminino bem orientado.

Todos os mestres estão de acordo para reconhecer que a educação desportiva das raparigas, sendo aplicada na época própria e pela forma conveniente, não pode trazer prejuizos e dará resultados vantajosos. É indispensavel, no entanto, evitar precipitações e exageros; as primeiras, sujeitando a esforços violentos organismos incompletamente desenvolvidos, prejudicam-lhes a evolução e destroem o equilibrio físico que é a condição essencial da harmonia estética; os segundos desvirtuam a forma feminina, suave de contornos e de curvas regulares, assentuando o relevo dos músculos à margem do corpo masculino.

São estas as razões porque o programa de competição reservado ás mulheres está actualmente muito reduzido, com evidente vantagem. Desapareceram por completo as provas exigindo esforço prolongado, impróprias à constituição fisiológica da mulher e contrários às normas de beleza que é impossível alhear neste caso. A máscara do esforço assenta bem num num rosto masculino; a crispação que em plena luta, transforma a face dum corredor, acentua nos traços fisionómicos o relevo vigoroso que caracteriza a beleza máscula. A beleza feminina, porém, tem por base os contornos harmoniosos, as linhas flexiveis, graça e sorrisos, coisas que se não conseguem a correr quilómetros ou jogar football.

A polaca Wajsowna, 2.ª classificada no disco, uma das mais elegantes concorrentes ás provas de atletismo

Para certas especialidades, as raparigas demonstram aptidões equivalentes às dos indivíduos do outro sexo, e essas são as que mais interessa estimular; tal é, por exemplo, a natação.

O rendimento dum nadador depende hoje muito mais da perfeita coordenação dos movimentos do que da energia com que são executados. As mulheres, mais doceis e mais maleáveis, assimilam com maior rapidez a técnica da natação e tiram dos seus movimentos o máximo proveito num mínimo de esforço.

Só assim se pode compreender que a holandesa Mastenbrok, vencedora dos 100 metros em 1 m. 5,9 s. e dos 400 metros em 5 m. 26,4 s., conseguisse tempos que suplantam nitidamente os melhores resultados masculinos portugueses.

É ainda interessante notar a precocidade das campeãs nadadoras, que parece contradizer a teoria do bom senso que atraz expuzemos.

A americana vencedora da prova de saltos de trampolim para a água, Margie Gestring, conta apenas treze anos, e a dinamarquêsa Sorensen, terceira classificada na corrida de 200 metros de bruços é uma criança de doze anos. Fica para averiguar quais serão as consequências futuras dêstes exageros que nem a título excepcional deviam ser tolerados.

As holandêsas foram as grandes triunfadoras do concurso de natação, vencendo quatro das cinco corridas do programa, sendo a outra pertença duma japonêsa. As norte-americanas contentaram-se com três terceiros logares, activo menos que modesto, desforrando-se nos dois concursos de saltos onde se apropriaram de todos os logares de honra.

A italiana Valla, vencedora em barreiras e detentora do «récord» mundial da prova

As três primeiras classificadas em natação, 100 metros livres: a argentina madame Campbell, a holandesa Mastenbrock, e a alemã Gisela Arendt

No certame de atletismo, os louros dividiram-se: a Alemanha apossou-se dos dois lançamentos, uma hungara triunfou nos saltos em altura, uma italiana nas barreiras, ficando para as representantes dos Estados-Unidos a estafeta e prova de velocidade.

A final da estafeta foi um verdadeiro drama desportivo.

O quarteto alemão baixara na eliminatória o record mundial e tôda a gente o aceitára por favorito na corrida. Efectivamente a vantagem cabia-lhe dêsde início e ao atingir o ponto da última passagem de testemunho a terceira corredora vinha bem destacada, talvez com três metros de avanço.

A prova estaria ganha, se não fôra a tão apregoada gloriosa incerteza do desporto.

Na transmissão derradeira, o taco escapou das mãos, caiu no solo, e tôdas as esperanças se sumiram.

A figura mais estranha dos Jogos femininos foi sem dúvida, a americana Stephens, vencedora dos 100 metros no tempo incrivel de 11 s. 2/5 Esta era incontestavelmente, a mais masculina das atletas olímpicas.

De elevada estatura, corpo sêco e anguloso, pernas esculpidas no relevo anatómico duma musculatura de homem, face rude sem um pormenor de feminismo, Stephens deve ser da classe daquela checo-eslováca que ao fim de largos anos de vitórias e records, os cirurgiões do seu país transformaram num homem, ou antes, a quem uma operação correctiva restituiu o verdadeiro sexo.

Que contraste flagrante, entre esta americana virilizada e o feminismo encantador da linda italiana Valla, vencedora da corrida de barreiras, a elegância inconfundivel da nadadora argentina Campbell, segunda nos 100 metros livres, e a graciosa figurinha da hungara Csak, a mulher que saltou 1,m62 em altura.

Seria injusto omitir destas referências o grupo cativante das participantes no torneio de ginástica, com certeza o mais sedutor espectáculo feminino dos Jogos de Berlim. Abolida a violência brusca do esfôrço atlético, a série de exercícios executados com ligeireza e harmonia nos aparelhos do concurso, constituia uma sucessão de imagens belíssimas, que tanto tinham de desportivas como de artísticas. Ali se aliavam a graça e a estética ao trabalho físico e à perfeição de movimentos, deixando nos espectadores a impressão agradável dum acôrdo perfeito entre as exigências do esfôrço praticado e a capacidade produtora da ginásta em acção.

A mulher — a eterna Eva — ha de sempre tender a dominar os Adões.

Salazar Carreira.

O FUMO, O JÔGO E O ALCOOL

Eis uma trindade que até há pouco, com raríssimas excepções, era o privilégio do homem. Não era raro, ao falar-se de qualquer estroina, ouvir uma senhora exclamar: «É uma criatura impossível, joga, bebe e é um fumador insuportável».

Pois bem, minhas senhoras, de hoje em dia neste século do progresso e da luz, esta trindade de vícios está integrada nos hábitos das senhoras e das mais elegantes, entre elas.

A mulher ciosa de possuír os direitos do homem, igualdade perante as leis, direito de voto, ao ver quási conseguido o seu ideal, apoderou-se dos vícios, que até agora tanto criticava e que causavam, e justamente, as queixas de muita esposa infeliz.

Não será para extranhar se dentro em pouco ouvirmos os maridos lamentarem se porque as suas mulheres, bebem, jogam e fumam.

É rara a senhora que tem a coragem de infringir as regras da elegância, declarando que não fuma, isso é um verdadeiro crime de lesa elegância, e, no entanto, para se habituarem a êsse prejudicial vício, quanto sofrem muitas vezes.

Nas reüniões de senhoras está hoje imposto o cigarro, que torna a atmosfera irrespirável, e, é para notar que há casas onde os homens não fumam e as mulheres parecem chaminés de fábricas, em grande actividade.

O jôgo causa da ruína de tanta família, terror das mães e das esposas, está hoje integrado na vida da mulher. O «bridge» e o «Mah-Jong» tornam-lhe as melhores horas do dia, que perdem, fechadas em salas, fumando, jogando e perdendo dinheiro, que o marido ganha, sabe Deus com que sacrifício.

O «cooktail» está hoje instalado na vida da mulher «chic», tem o seu lugar marcado, o «bar», tem no lar da família a sua perfeita instalação e de «shaker»na mão, a elegante sabe fazer as mais variadas combinações alcoólicas, verdadeiros tóxicos, que arrazam a saúde e desequilibram os fracos nervos femininos.

Quem passa a tarde jogando, acaba por fumar e toma um «cooktail» para excitar os nervos. É para mim sempre chocante ver uma reünião de senhoras entregues ao jôgo, ao fumo e ao álcool. A mulher perde a sua feminilidade; o fumo dá-lhe um aspecto masculino, o jôgo endurece-lhe as feições, nesse áspero desejo de ganhar, que a mulher de sistema nervoso mais impressionável do que o homem, não sabe esconder.

O «cocktail», excitando a, prejudica-lhe a beleza e congestiona-a tornando a pele feia cheia de manchas vermelhas, que a atmosfera pesada de fumo agrava.

Nunca entro numa sala onde estão senhoras jogando e fumando que me não lembre do espirituoso dito duma senhora espanhola.

Numa das minhas visitas a Madrid, uma senhora amiga, muito avariada de ideias e modernista, quiz mostrar-me a feição de Madrid moderno e uma das visitas que fizemos foi a um elegantíssimo club de senhoras instalado com o máximo conforto e frequentado pela aristocracia de Madrid e pelas intelectuais.

Acompanhava-nos uma irmã dessa senhora, pessoa muito pacata e de antigos hábitos. Ao sairmos duma elegante sala onde em várias mezas, senhoras, jogavam o «bridge», fumavam e bebiam o elegante «cocktail», esta senhora travou-me do braço e ao ouvido com assustado olhar, disse-me: «Estas señoras, me parecen carabineros».

A irreprimível gargalhada que não pude suster, intrigou quem nos acompanhava e a quem não pude dizer a impressão da interessante rapariga, que tinha sentido como eu o ridículo de tanta elegância.

A sociedade está abalada, uma surda convulsão estremece a civilisação europeia e a mulher tem neste estado de coisas, uma grande e infinita responsabilidade.

A sua preocupação de saír da sua esfera de acção, de tomar os hábitos masculinos, de ter uma liberdade sem peias, que pela pouca preparação de carácter dá muito mau resultado, deu causa a um certo bolchevismo moral, que parecendo que nada tem com o bolchevismo político, a êle conduz.

Uma das armas soviéticas é a desmoralisação da mulher, que conduz fatalmente à dissolução da família, e ao abalo da sociedade existente. Destruir na alma da mulher, o sentimento religioso, o pudor, e o amor ao lar, são armas de que inteligente e perversamente se têm servido os agentes soviéticos. Certas liberdades elegantes, que nos parecem inocentes tem um fim perigosíssimo.

Ao combate ao bolchevismo não são só as armas, que são necessárias, como não tem sido só das armas de que êle se tem utilizado, para a sua propaganda, e a mulher pode ter nesse combate um papel importantíssimo como importante tem sido a sua nefasta propaganda.

Primeiro capacitando-se de que em parte o bolchevismo vem de cima e não de baixo, onde é natural a revolta dos que têm fome, e, que não passam de bem manejadas armas nas mãos de ambiciosos.

Os governos não podem acudir a todos os miseráveis, e, se tôdas as famílias abastadas ou mesmo as que relativamente o são, protegessem uma família pobre, se interessassem pelas crianças infelizes, se sentissem a sinceridade duma fraternidade cristã nessas festas de caridade, a revolta não cresceria com êles e não os tornaria ferozes inimigos da sociedade.

Não seria muito mais interessante que as senhoras, que se reünem, para jogar, fumar e beber, em vez de gastar êsse dinheiro a intoxicar o corpo e a alma, o empregassem em tecidos e nessas reüniões, se entretivessem fazendo roupa, para as crianças nuas e para vestir os desgraçados.

Não teria sido essa a melhor contra propaganda? Não é divertido dir-me-ão algumas senhoras, o jôgo é excitante, o fumo eleva o espírito, o «cocktail» faz esquecer as tristezas. Mas não foi nessa distracção, que em Espanha as senhoras foram surpreendidas, pelos maiores ultrajes, pelo roubo e pela morte?

Quantas vezes tenho pensado no que será feito das pobres senhoras, que jogavam, fumavam e bebiam? Nas pobres que pareciam «carabineros» e que são hoje vítimas do martírio que assola a sua pátria.

A mulher tem de compreender a gravidade do momento presente, a influência que os seus hábitos têm, reconhecer os seus erros e fazer a vida como ela deve ser feita. Mulher é sinónimo de lar, de família, e, nunca deve colaborar na destruïção do maior sustentáculo da humanidade.

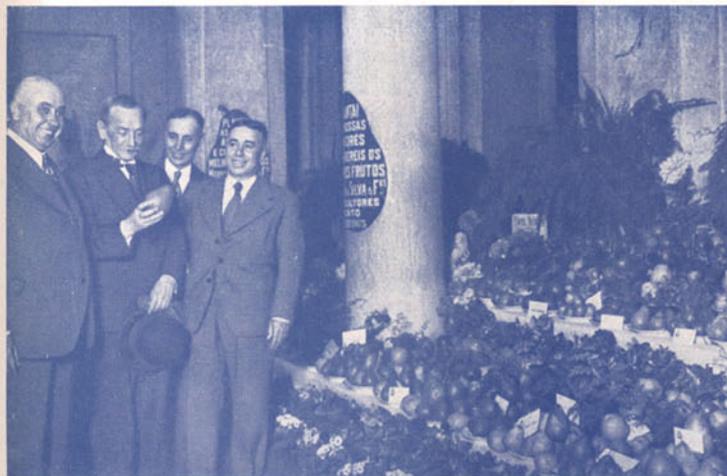
Acabem-se com as despezas inúteis, pense-se mais em acudir aos que sofrem e que nada têm, haja uma mais perfeita compreensão dos deveres, e, a sociedade será mais feliz, haverá menos descontentes e será mais descansada a vida.

A vida não pode ser queimada em distracções inúteis e prejudiciais.

Maria de Eça.

NOTICIAS DA QUINZENA

A visita do sr. Presidente do Ministério à Fábrica de Pólvoras Físicas e Artifícios de Barcarena. O director da fábrica presta explicações ao sr. dr. Oliveira Salazar que está estudando as possibilidades duma única fábrica de pólvora para o Estado.

A Delegação portuguesa à Sociedade das Nações, constituida pelos srs. ministro dos Negócios Estrangeiros, dr. Armindo Monteiro, professores Caeiro da Mata e Fernando Emídio da Silva, a bordo do «Alcântara», e ladeada por várias individualidades que foram apresentar cumprimentos.

O sr. Presidente da República visitando a exposição de frutas de Moreira da Silva & Filhos, no átrio do Teatro Nacional. Como sempre, a apresentação dos frutos dos famosos horticultores portuenses foi alvo dos mais calorosos elogios por parte das pessoas que a visitaram.

O novo ministro de Itália em Lisboa, sr. Francesco Giorgio Mameli, acompanhado de sua espôsa, a bordo do «Vulcânia», momentos antes de desembarcar. Ladeiam o ilustre diplomata os membros da Legação do seu país e todo o pessoal consular.

DOIS POETAS PORTUGUESES

CONDECORADOS PELO GOVÊRNO BRASILEIRO COM A ORDEM DO CRUZEIRO DO SUL

NUM justíssimo gesto, o Govêrno brasileiro condecorou com a Ordem do Cruzeiro do Sul os ilustres poetas portugueses drs. João de Barros e Eugénio de Castro, ante os unânimes aplausos da Imprensa dos dois países.

É sempre cativante vêr prestar homenagem a quem bem mereceu, não só da Pátria como da Humanidade.

A obra vastíssima de Eugénio de Castro é uma das mais belas que conhecemos na Literatura Portuguesa. Tão límpida, tão sonora, tão inspirada e tão harmoniosa, é sempre grande em tôdas as suas fases.

A obra grandiosa do dr. João de Barros é das que se eleva por si mesma, como uma aeronave gloriosa e atravessa a vastidão do Atlântico, e paira como um astro sôbre o bendito torrão brasileiro. Os seus sete poemas — *Ansiedade, Anteu, Sísifo, D. João, Vida vitoriosa, Ritmo de exaltação* e *Oração à Pátria* ficarão formando um sete-estrêlo maravilhoso a indicar caminho a todos os que às belas letras se dedicam.

Neste momento, vai o ilustre poeta com rumo ao Brasil onde receberá as insignias da condecoração que o Govêrno brasileiro lhe concedeu.

AMOR E POESIA

A PAIXÃO DE FILINTO

e a varonil coragem da marquesa de Alorna

Marquesa de Alorna

Nos tempos em que a futura marquesa de Alorna se encontrava reclusa no Convento de Chelas, enquanto seu pai gemia nas prisões da Junqueira, suspeito de haver tido conhecimento, pelo menos, do atentado contra o rei D. José, o poeta Francisco Manuel do Nascimento começou a dar largas a uma paixão que lhe rendeu apenas a inspiração de algumas horas.

Os trabalhos poéticos de D. Leonor de Almeida começavam a ser conhecidos, e, como seria de calcular, o ardente Filinto Elísio não perdeu a oportunidade de se aproximar da jovem encarcerada.

Tinha ela dezasseis anos, e êle trinta... A idade própria...

Como estavam então em moda os *outeiros*, não só na côrte, mas nos conventos, Filinto Elísio ali comparecia para se enlevar na beleza dessa talentosa rapariga que tantos anos de injusto cativeiro não tinham feito emurchecer.

Em frente do Convento de Chelas, recitando versos e pedindo motes ás freiras, o apaixonado poeta aguardava o momento de poder vêr aparecer na grade a dama dos seus encantos, poder ouvi-la e falar-lhe. Com efeito, a joven poetisa apareceu, e foi tal o seu brilho, que deixou encandiado o pobre Filinto.

E, numa arrebatadora inspiração, o poeta escreveu os mais deliciosos versos que patenteavam tudo o que lhe ia na alma sonhadora. De que lhe serviam as honras e os respeitos que todos os intelectuais do seu tempo lhe rendiam? Bocage chamára-lhe mestre; Garrett saudára-o com a maior veneração; Lamartine dedicou-lhe uma das suas mais belas produções... Mas que lhe importava tudo isso? Não era a vaidade que o movia, nem a ânsia de glória que o animava através da sua jornada pelo mundo! Amou — e ei-lo retratado nestes sentidos e harmoniosos versos que bem traduziam uma grande paixão pela sua adorada "Alcipe»:

Disse Venus a Juno: — Basta de iras,
Já basta, ó Pallas, de crueis contendas:
As que ambas possuis são grandes prendas:
Tu dás poderes, tu ciência inspiras.
Sem que invejeis a minha formosura,
Tratemos todas uma paz segura;
Dêmos as mãos, façamos crúa guerra
Contra Alcipe, que ás três nos rouba o culto;
Metamos forças a vingar o insulto;
Pereça o altar que lhe ergue toda a terra».
— E' vão — diz Juno a Venus — teu enfado:
Essa mortal (a Jove o ouvi) já gosa
Culto grande por sábia e por formosa:
Quem sabe o que inda lhe reserva o Fado?

Os *outeiros* sucediam-se e a paixão de Filinto aumentava sempre. Mas que poderia êle esperar dessa extraordinária mulher que, na flôr da idade, conhecia já todas as maldades e hipocrisias do Mundo?

Na sua Epístola á amiga Natercia, a jovem marquesa aconselha-a a não se fiar nas miragens do amor, salientando não haver no Mundo quem mereça ser amado, e remata com êste desabafo:

Amor em mim não é qual tu o sentes,
Um clamor, um tumulto dos sentidos;
Eu tenho êsses escravos submetidos
As leis mais elevadas, mais decentes.

Sinto amor como a terra toda a sente
As forças que a mantém, forças diversas;
Amor me faz fugir de almas perversas
Por amor busco (em vão) uma inocente.

De opiniões cobardes governados,
Os homens hão de rir destas doutrinas,
Hão de rir os peraltas e as meninas:
Queres que adore um dêsses malcriados?...

A parte exterior do convento de Chelas

Marquês de Pombal

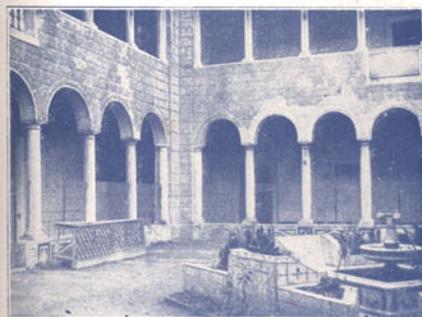
Em face de uma tal firmeza, como poderia o pobre Filinto conseguir algum êxito digno de registo?

Para se avaliar da coragem da jovem marquesa de Alorna, basta citar a altivez com que enfrentou as iras do arcebispo da Lacedemónia, e desafiou a crueldade do marquês de Pombal, seu terrivel carcereiro.

Nessa época, quando alguma freira ou secular se encontrava gravemente enferma, era permitido que qualquer parente insuspeito, isto é, pai, irmão ou filho, entrasse no convento a visitá-la, tomando o lugar de um dos criados, e levando, como tal, até á cela da doente qualquer coisa que por outra pessoa não conviesse ser levada.

Encontrando-se a velha marquesa de Alorna muito doente, o seu filho D. Pedro pretendeu visitá-la. D. Leonor, vendo chegar o irmão á portaria, procurou o meio mais rápido de lhe satisfazer esta missão piedosa. Como fôsse a passar um criado com um barril de água ás costas, deteve-o, fazendo passar a carga para os ombros do irmão. E assim o conduziu á cela onde a mãi agonizava.

Acrescia, porém, a circunstância desta senhora estar na situação de presa do Estado, e, como tal, não poder beneficiar de qualquer privilégio. Como o facto dêsse aso a mexericos e intrigas, não tardou que chegasse ao conhecimento do arcebispo, fiel cumpridor das ordens do rancoroso Sebastião José de Carvalho.

Como castigo, o prelado ordenou que "D. Leonor não saísse da sua cela, que cortasse os cabelos, e passasse a usar vestidos de côr honesta».

Filinto Elisio

D. Leonor não acatou as ordens do arcebispo, causando uma tal atitude o maior escândalo no convento. Que extranha energia galvanizava aquela jovem que ainda não tinha completado os desoito anos?

Quando o prelado voltou, e foi informado da rebeldia de D. Leonor, enfureceu-se, e mandou chamá-la á sua presença.

— Porque não cumpriu as minhas ordens? — preguntou com ares de inquisidor.

— Porque entendi não dever cumpri-las! — respondeu D. Leonor com a maior serenidade.

— O seu procedimento — tornou o arcebispo — obriga-me a chamar a atenção de S. Ex.ª o marquês de Pombal. Êle saberá obrigá-la a ser mais cumpridora e temente.

— Não sou professa! — replicou a jovem com altivez — os poderes do carcereiro de meu infeliz pai, de minha mãi, minha irmã e de mim, conseguirão encerrar-me numa enxovia, arrancar-me a vida, se tanto lhe aprouver, mas nunca obrigar-me a cumprir voluntariamente as suas ordens. Pode V. Ex.ª Reverendíssima transmitir-lhe isto mesmo.

O prelado, assombrado ante tamanha audácia, conteve-se e achou melhor não apoquentar mais a desventurada reclusa.

Quando o rei D. José se dignou deixar a vida, a ascenção de D. Maria I ao trôno trouxe a libertação de todos os prisioneiros do Estado. Houve, porém, entre estes, alguns que não aceitaram a liberdade como um acto de clemência da rainha. Desejavam, antes de tudo, ser julgados pelos tribunais competentes, e, uma vez provada a sua inocência, pedir contas ao marquês de Pombal que os fizera encarcerar. Entre êstes altivos presos figurava o nobre marquês de Alorna.

Proclamada a sua inocência, a família Alorna voltou a gozar a luz do sol.

Entretanto, Filinto Elísio continuava a apertar o seu cêrco amoroso em volta da formosa D. Leonor.

Assim decorreram dois anos. Filinto, dando largas á sua veia filosófica, enaltecia a evolução que se estava operando em França, e que viria a ser o alicerce da Revolução. O padre bracarense José Manuel da Neiva, tendo-o ouvido, denunciou-o, o que forçou o pobre poeta a homisiar-se em França.

Foi então que a Marquesa de Alorna deu, a valer, pelo seu adorador, e lhe escreveu com lágrimas nos olhos:

Fui, como tu, Filinto, arremessada,
Pelas improbas mãos da sorte adversa,
Contra os escolhos que num mar de angústias
Acumula a desgraça...

O desventurado Filinto por lá andou durante anos e anos pensando sempre na sua adorada Alcipe que lhe povoara os sonhos das mais gratas ilusões... para se casar com o conde de Oeynhausen, tendo servido de padrinhos o rei e a rainha.

Grande seria a mágua de Filinto Elísio — o que não o impediu de chegar á bonita idade de 85 anos!

Claustro do convento de Chelas

BIZARRIAS
FOTOGRÁFICAS

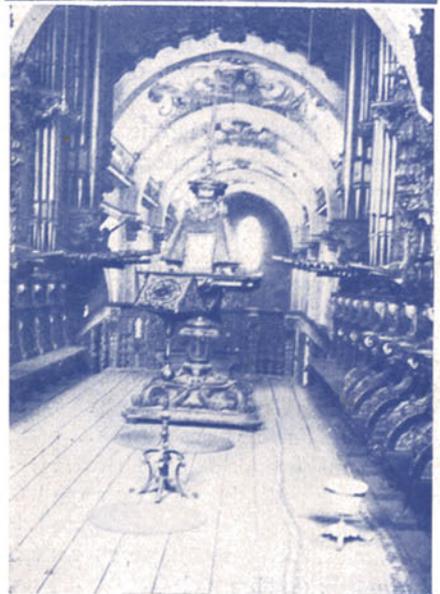
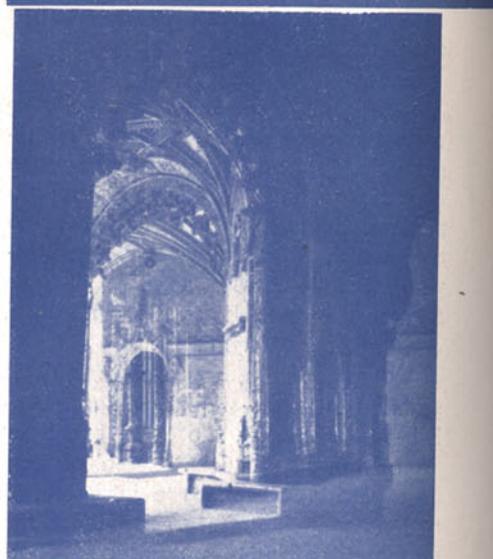
As sete fotografias que emolduram esta página merecem especial registo pela sua bizarria, embora tivessem rendido um bom puxão de orelha ao aprendiz que as apresentasse. Para se conseguir uma boa fotografia, não basta estar munido de uma boa máquina e saber focar a objectiva. É necessário também ter bom gôsto, saber aproveitar as imagens e tirar os máximos efeitos do objecto fixado.

É nisto que reside a arte da fotografia, ou melhor, a arte do fotógrafo.

A gravura que encima a página, à direita, apresenta aquela conhecida estátua decorativa do Jardim da Estrêla. Deu-se uma sobreposição invertida, e ficou a Vida mãi a amamentar a Vida filha. Na gravura, abaixo, vê-se a estátua de D. José, sobreposta ao Arco da Rua Augusta, confundindo as duas obras de arte numa só. Na outra gravura da direita, em cima, vê-se a famosa estátua, dando um agradável passeio pelo telhado dos edifícios que circundam o Terreiro do Paço. Nas duas fotografias que se seguem vemos dois aspectos dos claustros dos Jerónimos, onde se dá também a sobreposição, isto é, a mesma fotografia tirada duas vezes sôbre a mesma chapa. Os claustros ficaram, assim, duplicados.

Na última fotografia da esquerda aparece a magnífica nave e o côro da Sé de Braga. Esqueceram-se de tirar dali a presença impertinente do escarrador que estragou êste belo cliché.

Finalmente, na fotografia do centro, temos as gloriosas ruínas do templo de Diana em Evora, vendo-se à sua frente uma senhora que tem mais altura que os quatro monumentos sobrepostos. Por aqui pode avaliar-se o ridículo dos êrros da perspectiva. Olhando-se para esta foto, temos a impressão de que o artista se serviu do ingénuo pano de fundo que tanto agradava aos nossos avós como cenário.

Resta dizer que estas fotografias foram feitas propositadamente pelo ilustre fotógrafo amador sr. João Rosa que é um apaixonado pela arte.

ACTUALIDADES DA QUINZENA

A nova sede da esquadra policial do Caminho de Ferro que fica instalada numa dependência do Museu de Artilharia. A nova esquadra, hoje considerada a melhor de Lisboa, foi construida a expensas dos cofres do Govêrno Civil, por influência do chefe do distrito, sr. tenente-coronel João Luiz de Moura, e a pedidos instantes do chefe Ferreira.

O antigo avançado-centro do club dos «vermelhos», Vítor Silva fez a sua despedida. A nossa gravura representa o festejado desportista entrando no campo, para disputar o seu último «match» por entre os seus companheiros que formaram guarda de honra. O bravo avançado-centro afasta-se da sua carreira em que colheu tantos triunfos, e deixa saüdades.

As provas de natação no Algés e Dafundo patentearam o brio da mocidade de hoje. A nossa gravura apresenta alguns dos rapazes que nelas tomaram parte, verificando-se que nesse punhado de aspirações desabrocham algumas esperanças radiosas.

Algumas das raparigas que tomaram parte nas provas de natação do Algés e Dafundo. Não nos admira nada que algumas dessas tágides possam disputar àmanhã campeonatos nos Jogos Olímpicos... Podem ser campeãs, pois é desta massa que se fazem...

Acaba de ser inaugurado o primeiro comboio entre as vilas do Santiago do Cacém e Sines. A nossa gravura representa um aspecto da praia de Sines onde se realizaram provas náuticas para solenizar a inauguração da nova linha férrea.

O comboio inaugural na estação de Sines. Lindamente ornamentada, a locomotiva deslisa soaveemente sôbre os rails, fazendo resfolegar o seu aracboiço de aço. E, assim, as duas vilas ficaram ligadas num estreito abraço.

PÁGINAS FEMININAS

A humanidade tem uma tendência tristemente marcada para acreditar no mal e para o tornar maior, divulgando-o e fazendo com que se torne conhecido de todos.

O mal existe neste mundo e a fera humana tem em si, os piores instintos, e, disso temos infelizmente agora a prova bem palpável, nos desgraçados acontecimentos, que ensagüentam, dilaceram e enlutam a nossa vizinha Espanha.

Mas no meio dessa fogueira em que se atearam como infernais labaredas todos os defeitos humanos, quantas revelações de almas heróicas, quantas acções belas e até quantos arrependimentos sublimes, não tem havido, daqueles que mais mal fizeram, mas cujas consciências acordaram na hora derradeira, naquela em que a alma se sente prestes a comparecer no seu último julgamento.

Porque se há entes que têm a alma negra e feroz e até ao último momento só o mal fazem, há também aqueles que arrastados por falsas teorias, são embriagados pela loucura colectiva e pelo cheiro a sangue e fazem o mal numa quási inconsciência, de que acordam e se arrependem no seu último momento.

E assim é tôda a vida e em tôdas as coisas, e, nós nunca devemos ju'gar e discutir as acções alheias, porque as não podemos compreender e avaliar por não sabermos o móbil a que obedeceram.

Quando num chá, numa visita, numa praia se junta um grupo e começa a discutir a maneira de ser de alguém, e, a criticar a sua vida, nós não devemos nunca acreditar todo o mal que ouvimos, nem julgar sem conhecer o que motivou certas acções que nos parecem más, mas que muita vez tem uma razão de ser, que conhecida e apreciada é ainda para louvar.

As senhoras, espíritos mais impressionáveis têm uma facilidade enorme em acreditar o que ouvem e como em geral têm menos assuntos, que as interessem, repetem levianamente, o que ouviram, deturpando, sem o querer e agravando a situação.

É preciso fugir a êste péssimo hábito que tanto mal pode fazer ao próximo. Há tanta alma bôa, que seria incapaz de fazer mal a uma mosca, e que inconscientemente nesse hábito de falar sem reflectir e de repetir o que ouve dá causa a que se julgue mal e com falsidade pessôas que procederam de bôa fé ou obedeceram a imposições, que desconhecemos.

E há tanto de que falar, tanta coisa interessante, no mundo para discutir, tanta coisa bela, tanta acção sublime em tudo temos tanto, que admirar que é para lamentar, que o espírito humano se degrade, ocupando-se de ninharias e de diminuir o seu próximo.

Nós devemos sempre pensar que aqueles de quem falamos, são criaturas como nós somos, que só temos de dar graças a Deus se não fizemos o que êles fizeram, mas sabemos nós se nas mesmas condições não teriamos procedido da mesma forma?

Que pode dizer a mulher feia, que nunca foi perseguida, se na situação de outra que critica, não teria talvez também sucumbido? Que pode dizer o homem a quem nada falta, daquele que teve a desgraça de proceder mal, vendo-se rodeado de familia, e nada tendo que lhe dar?

E' difícil ao juiz habituado a julgar e a conhecer a alma humana, proferir uma sentença e muito mais difícil é a qualquer pessôa avaliar caracteres, por pequenos indícios, que não querem dizer nada, se forem observados sem a suspeita do mal.

O mal é tão feio que nós não devemos interessar-nos por êle, e, é sempre um indício de caracter mesquinho e até mesmo de tendência para êle êsse prazer mórbido, de o discutir e de o esmiuçar.

Numa sala ao ar livre em frente de uma linda paisagem ou do mar que estende a nossos olhos a sua beleza admirável, há tanto que falar, que essa preocupação de divulgar o mal dos outros torna-se mesquinha, visto que não tem a utilidade de modificar êsse mal.

Porque profundar o mal, querer conhece-lo em todos os seus pequeninos detalhes, só tem uma razão de ser, quando acompanhado da idéa de o modificar de obstar a que continue, de trabalhar enfim pelo bem.

E a madelicência sem fim algum utilitário, se fica mal a um homem, na linda e fresca boca duma mulher é horrível, e por mais bonita que uma mulher seja quando fala mal de alguém, com o prazer de desacreditar, toma sempre uma expressão felina, que a torna feia e às vezes até repulsiva.

Maria de Eça.

A moda

Estamos em Outubro e as senhoras que teem crianças a estudar vêem-se obrigadas a voltar à cidade para a abertura das aulas e começam a inquietar-se com a sua «toilette» reaparecer com o vestido de primavera, um dia por outro vá, mas é necessário uma «toilette» de outono para os dias frescos, uma «toilette» nova, que sendo simples, pois ainda não estamos na época das recepções, que tenha «chic» e actualidade.

É esta a época do ano em que mais difícil é vestir bem, o desencontrado do tempo, uns dias muito frescos, outros em que o sol nos traz a reminiscência dos dias de verão, faz com que se hesite na escolha do vestuário.

Mas as tardes frias aconselham-nos a não nos fiar na amenidade de alguns dias e a começar a usar fatos que nos abriguem e defendam das voltas bruscas de temperatura.

É portanto da maior utilidade o uso duma pele que sendo fácil de levar no braço nos proteja do ar fresco da tarde, ou duma repentina mudança de tempo.

É lindo o modêlo de raposas «argéntées», que formosas e triunfais, damos hoje às nossas leitoras, e, que, sôbre um muito simples e elegante vestido de lã preta formam a mais encantadora guarnição e um abafo dos mais confortáveis.

O pequeno chapéu é em froco de veludo preto, guarnecido com uma aza e um veu graciosamente disposto, as luvas em pele fecham no canhão com dois botões e uma barra em pele.

Para género simples temos uma bonita «toilette» e que para uma senhora habilidosa, que saiba trabalhar bem ao «tricot» pode ficar muito económica porque com a maior facilidade pode executar a bonita «jaquette» em malha de lã.

A «toilette» compõe-se dum vestido em lã leve «beije» e um casaco em malha de lã a duas agulhas no mesmo tom. A gola num ponto sem relêvo pode ser da mesma côr ou em castanho. Chapéu em feltro castanho com uma pequena barra em veludo e guarnecido com umas pequenas «palettes» em beije e castanho.

Para mais agasalho temos um casaco acertoado em grossa lã cinzenta, traçado no peito e com abotoadura à oficial austríaco em bonito caseado, cinto, canhões e cinto na mesma fazenda pespontadas à máquina.

Os botões e a fivela são em vermelho, assim como o chapéu em feltro guarnecido com uma pena. Luvas em pele de cavalo.

Vestido em «tweed» abotoado até ao pescoço, cinto em camurça castanho. Casaco «trois quarts» no mesmo tecido, sem guarnição alguma. Feltro «beije» com uma fita castanha.

Para desporto e saídas de manhã: vestido em tecido jersey formando quadrados em cinzento muito claro e azul escuro. O vestido tem no pescoço uma guarnição em lã azul escuro e cinto igual.

Um casaco largo e curto em veludo de lã azul escuro e cinto igual.

Um casaco largo e curto em veludo de lã azul escuro com mangas largas, torna muito confortável esta graciosa «toilette». O chapéu é em feltro azul escuro, guarnecido com duas peninhas na mesma côr.

O chapéu é na entrada das estações a preocupação das elegantes. Temos um feltro «toreador» dum gracioso efeito sendo a pequena aba em galão estreitinho entrançado, formando quadrados, um véu muito fino completa-o. É engraçado ver o triunfo dos véus que tanto tempo estiveram postos de parte, mas que sem dúvida favorecem muito o rosto feminino dando-lhe um aspecto mais fresco.

Receitas de cozinha

Bolachas para chá: Açúcar, 250 gramas; manteiga, 100 gramas; leite, 2 decilitros; bicarbonato de sódio, 5 gramas; farinha de trigo para ligar, a que baste.

Deita-se num alguidar de amassar, o açúcar, a manteiga derretida e o leite quente, no qual se tem deitado depois, de aquecido o bicarbonato que se deve mecher bem para estar dissolvido.

Depois vai-se juntando farinha a pouco e pouco mechendo com uma colher de pau, enquanto a massa o permite; quando está já dura de modo que dificulta o movimento da colher, completa-se a amassadura à mão.

Estende-se em seguida a massa com um rolo sôbre a tábua, de modo que fique muito fina, recorta se com a forma das bolachas, e colocam-se em tabuleiros untados com azeite ou manteiga segundo o gôsto. Êsses tabuleiros devem ser dois e vão sucessivamente a forno brando Basta dois tabuleiros porque, o tempo que cada um leva a cozer é pouco mais ou menos, o que se leva a encher o que entra no forno a seguir.

A futilidade feminina

Vamos entrar numa época em que a futilidade feminina terá talvez que desaparecer, se a mulher quizer vencer na vida moderna.

Em seguida à guerra, a mulher distendeu os nervos crispados e lançou-se na vida privada ou na luta por conquistar um lugar no mundo. Houve duas correntes, a das mulheres que trabalharam para igualar o homem e a das mulheres que dansavam, fumavam, só pensavam em «toilettes» e em ser excêntricas O luxo tornou-se desenfreado Pois bem, a mulher de hoje tem de se modificar.

Se a conquista do lugar do homem trouxe à sociedade um enorme desiquilíbrio, a frivolidade contribuiu muito para que a situação actual seja muito complicada.

A mulher terá de voltar a ser bem mulher, mas não frívola nem fútil. O sentimentalismo voltará a dar lhe encantos e ela terá de compreender, que o seu papel, não é tornar difícil a vida ao homem, nem também viver de futilidades.

Higiene e beleza

A questão do cabelo é importantíssima para a mulher, porque é um dos seus mais belos ornamentos e nada há de mais belo, do que uma linda cabeleira bem tratada e bem penteada.

Mas um cabelo bonito nem tôdas podem ter o que podem é tratá-lo. O que não é nada bonito é a mania que tem a mulher moderna de modificar a côr de cabelo o que em geral a transtorna, completamente.

Senhoras que eram loiras aparecem com os cabelos «auburu», mas a maior praga são os cabelos negros, descolorados ou pintados de loiro, que ficam muito feios em geral. Só as primitivas loiras suportam a descoloração.

A pintura dos cabelos torna em geral a expressão muito dura. É preferível sempre deixar a cabeleira escura que não é nada mais feia do que a loira. Um bonito cabelo negro bem escovado com brilhantina, ondulado ou não, é sempre um ornamento mais belo do que os secos e quebrados cabelos estragados pela pintura.

Mulheres de outros tempos

Ao visitar a linda e histórica vila de Monção, garrida sentinela portuguesa, sôbre o rio Minho, que desafia com coquetismo a vizinha Espanha, de que a separa apenas o leve e transparente fio de água, que os calores do verão quási secam, sentimos ecoar em volta de nós os nomes, que mulheres portuguesas ilustraram na defeza da Pátria, que, a Espanha vizinha sempre cubiçava.

Numa das principais praças da risonha vila, de tão rico e alegre aspecto, a estátua de Deu la deu Martins evoca essa mulher de sangue frio e espírito, que atirando aos fortes castelhanos, que rodeavam em apertado sítio a sua vila natal, a sua última fornada de pão, enganando-os, com a fingida abundância os fez levantar o cêrco, a que mais não poderiam resistir os portugueses reduzidos pela mais negra fome a terem de capitular.

Lembrado é ainda o heroico nome de D. Mariana de Lencastre, que Rocha Martins, o evocador de figuras portuguesas tão bem descreveu, mas não ficam por aqui os nomes de mulheres corajosas, que Monção se honra de ter tido por defensoras.

Entre aquelas que crianças tinham assistido à defeza heroica de Monção pela condessa de Castelo Melhor, D. Mariana de Lencastre, estava Elena Peres, viuva de João Felgueiras, que ao ver de novo cercada a sua vila e tão desmanteladas as suas muralhas e tão enfraquecidos os seus defensores, levantou as mulheres e com elas correu às trincheiras, e, sôbre os espanhois despejaram as maiores lajes que suas fortes mãos podiam sustentar.

Ferida em plena peleja pediu que a levassem à igreja do Espírito Santo onde chegou esvaindo-se em sangue com os intestinos saindo da horrível chaga, e serenamente os olhos postos no altar as mãos erguidas em muda prece entregou ao Creador a sua alma, que se pecara matando, fôra porque o mais ardente amor pátrio a impelira a defender o seu país ameaçado.

De mulher para mulher

Rosa Branca: É encantadora a sua ideia de trabalhar para as criancinhas pobres. Da Maternidade saem muitas sem ter que vestir, apesar dos esforços das senhoras que organizaram a obra do enxoval do recem-nascido, presidida pela mademoiselle Costa Sacadura, e que tanto tem trabalhado, e que tanto se interessa pelas crianças. Faça um enxoval e mande-o entregar na Maternidade.

Clara: Ficará um amor o seu bébé, com êsse trajo em malha branca, é facílimo de fazer, corte um molde e depois trabalhe, guiando-se pelo molde. Um casaco em malha, boina e polainas farão um conjunto delicioso, parecem os bébés, bonecas de açúcar. Para êsse bordado a linha D.. M. L. é a melhor.

Alda: Siga o curso de pintura na Academia de Belas Artes, não sei os passos que tem a dar, mas no Largo da Biblioteca pode informar-se com facilidade no Edifício da Biblioteca, Museu e Academia de Belas Artes. É sempre «chic» o «tailleur» azul escuro e muito prático nesta estação.

NUMA audiência de certo tribunal uma senhora que era testemunha, quando o magistrado que presidia, lhe preguntou o estado, respondeu:

— Ignoro.

— Mas como se explica isso?!

— Eu conto a V. Ex.ª. Como tôdas as mulheres comecei por ser solteira e, como muitas, casei. Pouco tempo depois morreu o meu marido. Já se sabe, fiquei viuva; e viuva estive três anos. Passado êste período tornei a casar, mas como não me desse bem com o meu segundo marido, separa-nos judicialmente. Entretanto veio a lei do divórcio e foi sentenciado o nosso. Passei de "separada„ a "divorciada„. O ano passado faleceu o meu segundo marido, que já o não era. Não sou solteira, evidentemente; casada também não; separada, menos ainda; divorciada, sendo êle falecido, não posso sê-lo; e viuva também não visto que êle já não era meu marido.

"O sr. juiz podia fazer-me o favor de dizer-me qual é o meu estado?„

— Quando o teu pai chegar, hei de contar-lhe o que fizeste.

— Era de esperar... As mulheres nunca souberam guardar um segredo!

■

Dois indivíduos (um velho e feio e o outro novo e simpático) requestavam uma linda rapariga, acabando esta por escolher o mais idoso.

Ao sair da igreja, o velho, cheio de alegria, preguntou à esposa:

— Porque me escolheste a mim? Agradei-te mais do que o meu rival?

— Escolhi-te — respondeu ela — porque acredito em vaticínios...

— E o que queres dizer com isso?

— É que uma cigana disse-me que devo ser casada duas vezes... Como estou convencida disto, guardei o namorado mais novo para depois.

■

Um novo rico, querendo armar em homem de fino gôsto artístico, organizou no seu palacete uma galeria de quadros que adquiriu à custa de bom dinheiro, embora ignorando-se o que comprava.

Um dia, mostrando a galeria a vários amigos, um dêles, parou diante dum dos quadros, e disse:

— Este é do Silva Pôrto.

O dono da casa, ofendido, aproxima-se dêle, e diz-lhe com a maior aspereza:

— Aqui, de portas a dentro, não há nada de Silva Pôrto, ouviu? Tudo isto é muito meu!

■

Alta noite, um marido, notando que sua mulher acordava sobressaltada, pretende saber a causa da sua aflição.

— Vi em sonhos um homem que me perseguia com uma faca na mão.

— Não o conheceste?

— Como querias que o reconhecesse às escuras.

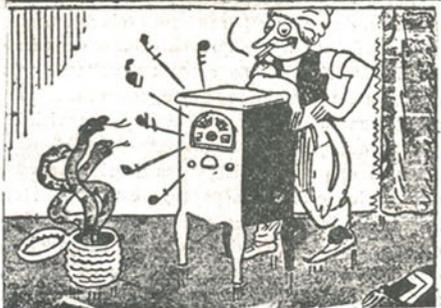
— Tens razão. De hoje em diante, dormiremos com a luz acesa.

■

No tribunal:

O juiz para o acusado:

— Resulta da sua confissão que o réu matou sua mulher. É certo que as testemunhas são concordes em afirmar que ela era insuportavel... Mas porque razão não preferiu separar-se?

— A princípio pensei nisso — respondeu o acusado — mas, depois, disse cá para comigo: se a deixo viver, é capaz de ir fazer a infelicidade de outro homem. Devemos ser uns para os outros, sr. juiz!

Aproveitando-se das vantagens do progresso, os encantadores de serpentes tem agora muito menos trabalho...

■

Diálogo entre noivos:

— Sim, Matilde. És para mim mais cara do que a vida...

— Não exageres.

— É a pura verdade. Para vir ao mundo não gastei um centavo, ao passo que o bracelete que te ofereci ontem custou-me novecentos escudos.

■

Uma senhora, desconfiada com o ar leviano duma criada, rodeou-a duma grande vigilância. Uma noite, apercebendo-se de que alguém conversava com ela de porta adentro, dirigiu-se-lhe ao quarto, afim de comprovar o delito. A criada, aflita, escondeu o namorado num guarda-vestidos, escondendo a chave.

— Não tenhas receio. Minha mulher está farta de me dizer: «Se me enganas, dou cabo de mim...» Já vês que não arriscamos nada.

— A chave dêste móvel? — preguntou a senhora.

— Não sei, minha senhora. Perdia há dias.

— Chama então um serralheiro para o arrombar. Aqui dentro está alguém escondido.

— Não digo que não, minha senhora. Mas também não vale assustar-se tanto. O homem que ai está metido nem é assassino, nem ladrão...

■

Num baile:

— Até agora, minha querida Zita, ainda não me deu uma prova do seu afecto por mim.

— Mais do que isso... Provei-lhe já uma grande dedicação... Pois não dancei consigo?

— E isso que prova?

— Prova que você não faz uma pequena ideia ideia do mal que dança.

■

O sr. Henriques encontrando-se com a D. Felismina, repara que esta vai acompanhada por uma ama com uma linda criança nos braços.

— E' seu filho? — pregunta o Henriques — Está um amor!

— Tem apenas quatro meses de idade — respondeu a mãe lisongeada.

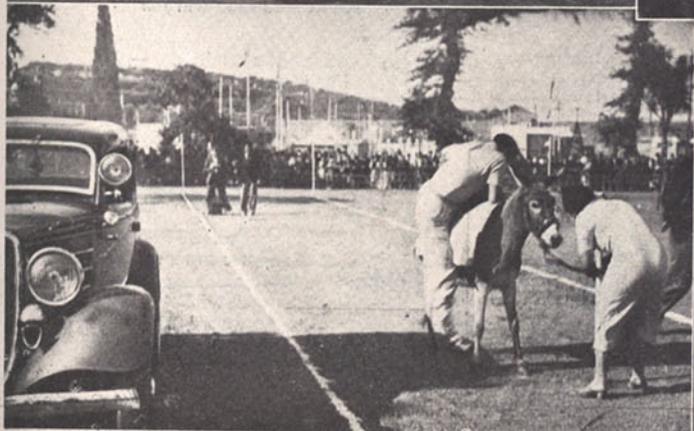
— E é o último que teve?

A 1.ª Exposição Regional de Oeiras

As gravuras que publicamos dão alguns aspectos dêste interessante certame: Em cima — o sr. Presidente da República e o ministro do Comércio e Indústria no acto inaugural. — Um belo exemplar premiado. — A visita do Chefe do Estado aos "stands". — O "stand" do Vinho. — Um aspecto da Exposição. — O sr. António Leitão de Oliveira e esposa num dos obstáculos da ginkana. — Aspecto geral da Exposição.

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 67

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.ª ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; Dicionário do Charadista, de A. M. de Sousa; Fábula, de Chompré; Adágios, de António Delicado.

CORREIO

Ti-Beado. — Luanda — Renovo os meus agradecimentos por tantas e tantas gentilezas. Os apuramentos referentes ao ano de 1935 serão publicados oportunamente, com o limite dos de 1934, visto mais não poder ser, como já frisei.

Dr. Sicascar. — Luanda — Muito grato pelas suas atenções e diligências no sentido de satisfazer o meu pedido. Os bons amigos e confrades revelam-se pela nobreza das suas acções e propósitos.

D'Artagnan Jr. — Luanda — Muito reconhecido por ter atendido a solicitação do confrade *Dr. Sicascar,* tenho o prazer de lhe comunicar que a sua colaboração foi registada com muita satisfação como será pela confraria o aparecimento nestas colunas do prezado confrade. Quanto ao mérito da colaboração, desnecessário era dizer-lhe que estamos em pleno desacôrdo... Espero que o confrade passará a ser um permanente colaborador desta página, distinção com que muito me honrará.

APURAMENTOS

N.º 58

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

SILENO
N.º 17

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

OLEGNA
N.º 21

OUTRAS DISTINÇÕES

N.º 2, Mad Ira,; n.º 18, José Tavares; n.º 19, Maria Luíza; n.º 20, Vina.

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 21 pontos

Alfa-Romeo, Frá-Diávolo, Cantente & C.ª, Gigantezinho, José da Cunha, Fan-Tan, Oldemiro Vaz, Silva Lima.

QUADRO DE MÉRITO

Ti-Beado, 18. — Capitão Terror, 17. — Salustiano, 17. — Rei Luso, 17. — Só-Na-Fer, 17. — Só Lemos, 15. — Sonhador, 15. — João Tavares Pereira, 15. — Lamas & Silva, 13. — Salustiano, 12. — Dr. Sicascar (L. A. C.), 11.

OUTROS DECIFRADORES

Elsa, 9. — D. Dina, 8. — Lisbon Syl, 8. — Aldeão, 7.

DECIFRAÇÕES

1 — Pesco-coço-pescoço. 2 — Fervi-vida-fervida. 3 — Canga-galha-cangalha. 4 — Parôlo. 5 — Pé-fresco. 6 — Desvão. 7 — Cuidoso. 8 — Ladrado-lado 9 — Moqueca-moca. 10 — Lucroso-luso. 11 — Faceto-fato. 12 — Estulto-esto. 13 — Abactor-actor. 14 — Samosata. 15 — Caro-rôla-carola. 16 — Sopa-papo-sopapo. 17 — *Franciscanada.* 18 — Canoro-caro. 19 — Acalmar-amar. 20 — Lavado-lado. 21 — *Maio come o trigo e Agôsto bebe o vinho.*

TRABALHOS EM PROSA

MEFISTOFÉLICAS

1) *Resmungo* por um *cão pequeno e vulgar* ter comido a planta *semelhante ao cogumelo.* (2-2) 3.
Luanda — *Dr. Sicascar (L. A. C.)*

2) O *semblante* de quem é mau é da *espécie* de uma *máscara de papelão.* (2-2) 3.
Luanda — *Ti-Beado*

NOVÍSSIMAS

3) Eu sou *simples.* Êle será, também, *simples.* Contudo, não com tanta *regularidade.* 1-2.
Luanda — *D'Artagnan Jr. (L. A. C. – T.E.)*

4) O *padre santo* dêste *local* tem uma linda *ave* (*) 2-2.
Luanda — *Dr. Sicascar (L. A. C.)*

5) O rei *"dança"* lindamente com aquela *"mulher"*. 1-2.
Lisboa — *Sinhá Durol (Abexins)*

SINCOPADAS

6) Os *índios do Brasil* são muito *preguiçosos.* 3-2.
Lisboa — *Bibi (Abexins)*

7) Anda tudo *fantasiado,* até que o Mundo se julgue *acabado.* 3-2.
Luanda — *D'Artagnan Jr. (L. A. C. - (T. E)*

8) Com uma *espécie de pêra sumarenta e doce* dei um *banquete.* 3-2.
Luanda — *Dr. Sicascar (L. A. C.)*

TRABALHOS EM VERSO

ENIGMAS

(Ao confrade "Carlos Elmano").

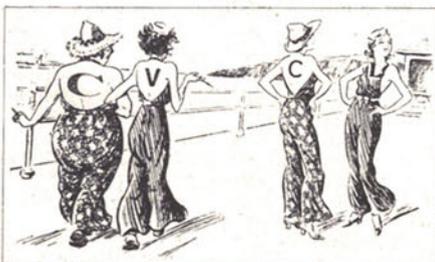
9) Vou cantar sem a mulher,
Sòzinho, o *senhor* vai ver.
Biscaia, Alb.-a-Velha — *Olegna*

10) No feminino
É uma *cova*
Cheia de água
Na Terra Nova.

No masculino
É um *abismo,*
Só o pode ver
Quem tem cinismo.

No aumentativo
É *qualquer bebida*
Que toma sempre
Quem tem muita vida.
Luanda — *Ti-Beado*

MEFISTOFÉLICA

11) A *família* — o meu lar —
A minha *bôlsa* censura:
Não tem conta no gastar
E dá-me *descompostura.* (2 2) 3.
Lisboa — *Dama Negra*

(*) *brasileira.*

NOVÍSSIMAS

(À Yzinha, respondendo à sua sincopada inserta no n.º 65 do Desporto).

12) Realmente tem razão,
Sou da sua opinião,
Quanto às "sopas" infernais...
Que case, pois, a criada,
Não há Trindade sagrada
Com tal casta de "animais"!

Vou, portanto, aproveitar
O seu conselho e mandar
Em breve vir um petiz ..
Recomporei a Trindade,
Com amor e amizade,
Voltarei a ser feliz. .

Seu conselho de *"mulher"* — 2
Deu-me bastante prazer
E resolveu a charada...
Que me importa que essa *raça* — 2
Das sopeiras se desfaça?
Que marche, pois, a criada. .

Vou escrever-lhe, parceira,
Minha boa conselheira,
Agora, neste momento...
E quando o petiz chegar
Não terei que a convidar
A assistir ao *nascimento*...
Lisboa — *João Ninguém*

(Ao ilustre confrade "Sileno", pondo termo à brincadeiro)

13) Diz o rifão que o saber
Não toma nunca lugar...
Eu charadista quis ser,
Foi-me fácil triunfar.

Depois da prova tirada,
Dou por finda a brincadeira...
Por ela trago atrasada
A minha lida caseira.

Comigo ralha o marido
Quando me vê com charadas:
— "Olha o facto descosido...
— "As panelas mal lavadas...

Dou-lhe razão, porque, em suma,
Tratar da casa é preciso...
Se não lhe ligo nenhuma,
Há zangas e prejuízo...

Por isso, caro "Sileno",
Mesmo sem Deus me brindar
Com o falado "pequeno"
Renunciei, vou parar... — 3

Esta resolução há de,
Pelo que tem de sincera,
Deixar em paz o confrade
E em descanso o "Rei Fera"...

Sacrifica-se um prazer — 1
Com que ocupava os serões...
Deixará, porém, de haver
Meias rôtas e rasgões. .

Regressa a casa o arranjo,
Que o marido adora tanto ..
Voltarei a ser um "anjo"
Pondo os léxicos ao canto.

Não lamente, pois, meu gesto,
Nem tenha pena de mim,
Porque o caso é manifesto:
No Mundo tudo tem *fim*...
Lisboa — *Mad Ira*

14) *Abrandei* a minha dor — 2
Por *"ser"* forte êste motivo — 2
De desprezar um amor...
Tenho assim meu *lenitivo.*
Lisboa — *Vina*

SINCOPADA

15) Quando tem a *face grande*
A mulher — pobres de nós! —
Com tal garganta se expande
Que só se ouve a sua *voz*... — 3-2
Lisboa — *Filho d'Algo*

TRABALHOS DESENHADOS

16) ENIGMA FIGURADO

Lisboa — *Vina*

NOTA: — *No figurado cada símbolo tem 3 letras.*

Tôda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a LUIZ FERREIRA BAPTISTA, redacção da *Ilustração,* rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

VIDA ELEGANTE

Casamento da sr.ª D. Ermelinda Teixeira Gomes com o distinto oficial de marinha sr. Eugénio Ferreira de Almeida, realizado na paroquial de S. Sebastião. Os noivos e convidados saindo da igreja. (Fot. Melo).

Festas de caridade

CASA DE TRABALHO DO ESTORIL

Levada a efeito por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade de que faziam parte D. Antónia de Saldanha Marrecas Franco, D. Branca de Somer Andrade, D. Cândida Lupi dos Santos Jorge, condessa de Murça, condessa de Vil'Alva, D. Eugénia da Costa Cardoso, D. Eugénia Maria Perestrelo de Vasconcelos de Mozer e D. Josefina Arbués Moreira, realizou-se no salão do restaurante do Casino Estoril, gentilmente cedido pela direcção, na tarde de sábado 12 de Setembro último, um «chá de caridade» durante o qual se exibiram em várias danças caracteristicamente portuguesas, os notáveis bailarinos Ruth Walden e Francis, números em que mais uma vez tiveram ocasião de pôr em destaque a sua arte, recebendo da selecta assistência, que enchia por completo o vasto salão do restaurante, fartos aplausos.

Em redor das pequenas mesas recorda-nos ter visto entre outras as sr.as:

Condessa das Alcaçovas e filha, Condessa de Vil'Alva, Condessa de Monte Real, Condessa de Castro, Condessa de Castro Marim, Condessa da Corte, D. Augusta Ferreira de Azevedo Castelo Branco, D. Branca de Atouguia Pinto Basto, D. Izabel de Melo de Almada e Lencastre, D. Alice Guedes de Heredia, D. Tereza Iglézias Scarnichia, D. Júlia Camacho Santos, D. Felismina de Sousa D'Eiro, D. Felismina Canas Cardim, D. Tomáz a Canas Ereira, D. Adelaide Leitão Pereira da Cruz, D. Fernando Bettencourt Moreira de Carvalho e filhas, D. Berta Marques da Costa Lupi, D. Clarisse Marquês da Costa Pinto Bastos, D. Maria Perestrelo de Vasconcelos d'Orey, D. Maria de Sousa Martins, D Josefina de Arbués Moreira, D. Cândida dos Santos Jorge, D. Beatriz Benjaim Pinto de Vasconcelos Gonçalves, D. Margarida Borges de Sousa Ferreira, D. Maria Augusta Borges de Sousa Estácio, D. Maria Ramalho, D. Rita de Somer Pereira, D. Maria Filomena Borges Lamarão Vieira da Rocha, D. Palmira Lucas Torres, D. América Rocha e Melo e filha, D. Maria do Carmo da Cunha Meneses Corrêa de Sampaio, D. Ana de Figueiredo Cabral da Câmara Ribeiro Ferreira, D. Albina Cordeiro Rebelo, D. Ilda da Costa Blanch, D. Aurora Pereira de Albuquerque d'Eça Leal, D. Alice Sauvinet Bandeira Bastos, D. Maria Luiza Bramão Reis do Carmo e Cunha, D. Maria Helena Bastos Gonçalves, D. Sofia de Campos Henriques de Almeida Costa, D. Alice Bustorff da Silva e filhas, D. Ilda Fragoso Alcobia, D. Fernanda de Almeida d'Orey e filha D. Maria da Conceição d'Eça Leal Abecassis, D. Eugenia Ribeiro da Silva, D. Maria da Conceição de Freitas Ribeiro Salgado, D. Maria Adelaide Perez de Sampaio Lelo, D. Emília Lamas Pimentel, D. Maria Henriques de Lencastre de Almeida Garrett, D. Beatriz Consiglieri Pedroso de Pina, D. Alzira de Sousa Coutinho Ozório de Castro, D. Maria Manuela d'Orey Roquete, D. Maria Amélia Lucas Torres de Farinhas, senhora de Camilo Farinhas, D. Maria Mendes de Almeida, D. Maria Helena Belmar da Costa Morais, D. Berta Gurmendes, Senhora de Vinke, D. Maria do Carmo Perestrelo Corrêa de Sampaio (Castelo Novo), D. Maria Figueiredo Cabral da Câmara Pereira, D. Maria Antónia de Saldanha Marrecas Franco, D Luiza Maria Ferreira Cardoso Demostier, D. Eugénia e D. Raquel da Costa Cardoso, D. Berta Belmar da Costa, D. Maria Luiza Pina Moutinho, D. Maria Luiza Gomes de Miranda Mendes, D. Sára Maria da Mota Portocarrero Ferreira Cardoso, etc.

A comissão organizadora deve decerto ter ficado plenamente satisfeita com os resultados obtidos, tanto mundano, como financeiro e artístico.

Casamentos

Na capela da Casa de Carvalho da Arca, em Guimarães, residência da sr.ª D. Maria Vera Machado de Castelo Branco Leite Brandão e do comandante sr. João de Paiva de Faria Leitão Brandão, realizou-se o casamento de sua gentil filha D. Maria Fernanda, com o sr. Frederico Veloso Van-Zeller, tendo servido de madrinhas as tias da noiva sr.as condessa de Campo Belo e D. Adelaide de Sarrea de Brack-Lamy Leite Brandão, e de padrinhos os tios do noivo, srs. dr. Manuel Clamouse Brown Van Zeller e Jaime Leitão, presidindo ao acto Sua Excelência Reverendíssima o sr. bispo de Beja, D. José do Patrocínio Dias, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Serviram de caudatárias as primas da noiva, meninas Maria Adelaide e Maria Alexandrina Sarrea de Brak-Lamy Leite Brandão, conduzindo as alianças seu irmão Alvaro. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Finda a cerimónia foi servido no salão de mesa da elegante residência um finíssimo lanche, partindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de valiosas e artísticas prendas, para o sul do país, onde foram passar a lua de mel.

— Realizou-se na paroquial dos Arcos, na Anadia, o casamento da sr.ª D. Maria José Brissac Neves Ferreira Cancela de Abreu, gentil filha da sr.ª D. Josefina Brissac Neves Ferreira Cancela de Abreu e do sr. dr. Paulo Cancela de Abreu, com o sr. dr. Mário Angelo Morais de Oliveira, filho da sr.ª D. Maria Angelina Morais de Oliveira e do sr. dr. Angelo Alberto Frederico de Oliveira, servindo de padrinhos os pais dos noivos. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de valiosas e artísticas prendas.

— Foi pedida em casamento para o sr. Mário Santa Clara da Cunha, filho da sr.ª D. Maria Carolina Ribeiro da Fonseca Santa Clara da Cunha e do coronel sr. Henrique Herculano da Cunha, pelo major sr. Virgílio Pereira da Cunha, a sr.ª D. Maria Dulce de Almeida Menezes, e Albuquerque da Costa Pinto, gentil filha da sr.ª D. Cecília de Menezes e Albuquerque da Costa Pinto, já falecida e do sr. Fausto Gonçalves da Costa Pinto, funcionário da Caixa Geral dos Depósitos, Crédito e Previdência, devendo a cerimónia realizar-se por todo o próximo ano.

— Em Ovar, realizou-se na paroquial de S. Vicente de Pereira, o casamento da sr.ª D. Irene de Castro Côrte-Real Cruz, interessante filha da sr.ª D. Maria das Dores de Castro Côrte-Real Cruz e do sr. dr. António Alves da Cruz, já falecido, com o sr. dr. Venâncio de Figueiredo Vieira, tendo servido de madrinhas a mãi da noiva e a tia do noivo sr.ª D. Maria Vieira Couto e de padrinhos os srs António de Castro Côrte-Real, tio da noiva, e Artur de Figueiredo Vieira, tio do noivo, sendo o acto presidido pelo prior da freguesia, reverendo Augusto de Oliveira Pinto, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Foram «damas de honor» as srs.as D. Celeste Couto, D. Maria Elisa e D. Maria Amélia Herdeiro, e de caudatárias as meninas Lia Alves Cruz, Maria e Rosa de Abreu Freire conduzindo as alianças o menino Luiz Manuel de Amorim Bessa de Carvalho.

Acabada a cerimónia durante a qual um grupo de meninas amigas da noiva, cantaram vários trechos de música sacra, foi servido um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de valiosas prendas.

— Pelo distinto clínico sr. dr. Narciso Rebelo da Silva, foi pedida em casamento para seu irmão José, filho da sr.ª D. Ermelinda de Vasconcelos Rebelo da Silva e do sr. Narciso António Rebelo da Silva, a sr.ª D. Maria Aurora Pinto Alves, gentil filha do sr. João da Silva Alves, devendo a cerimónia realizar-se ainda êste ano.

— Na ermida de S. Lourenço, nas Azenhas do Mar, realizou-se o casamento da sr.ª D. Maria Tereza Joyce, interessante filha do sr. dr. António Joyce, com o sr. Francisco Fons, sobrinho da sr.ª D. Rafaela Fons Tota e do sr. Alberto Tota, tendo servido de padrinhos por parte da noiva a sr.ª D. Maria Joyce e o sr. dr. Augusto Lamas e por parte do noivo sua tia e o sr. Júlio de Macedo.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante vivenda dos tios do noivo, nas Azenhas do Mar, um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de valiosas e artísticas prendas.

— Para seu filho Ernesto Maria, foi pedida em casamento pelo tenente-coronel sr. Jaime de Portugal, a sr.ª D. Maria Helena Del-Negro Ferreira, gentil filha da sr.ª D, Clara da Assunção Del-Negro Ferreira e do sr. José Maria Engrácia Ferreira, devendo a cerimónia realizar-se ainda êste ano.

— Realisou-se na paroquial de Santa Catarina, o casamento da sr.ª D. Odete Alice Diniz Cruz, com o sr. Rui Coelho da Fonseca, funcionário da Federação Nacional dos Produtores de Trigo, servindo de madrinhas as sr.as D. Alice do Nascimento e D. Inácia França e de padrinhos os srs. Rui Barral e Augusto Rosa Tovar de Melo.

Finda a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de artísticas prendas.

— Com muita intimidade, realisou-se o casamento da sr.ª D. Germina Silva, com o sr. José Henrique de Carvalho, tendo servido de madrinhas as sr.as D. Tereza Silva e D. Luiza Amaral Mendonça Pereira e de padrinhos os srs. Joaquim Silva e Armando do Amaral Pereira.

Terminada a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, recebendo os noivos, que seguiram para o norte a passar a lua de mel, grande número de valiosas prendas.

— Realizou-se na paroquial da Conceição Nova, o casamento da sr.ª D. Elena Vargas interessante filha da sr.ª D. Lúcia Balduz e do sr. dr. Ramon Vargas, com o sr. Eduardo Plácido, filho da sr.ª D. Maria Villacastin e do sr. Eduardo Plácido, servindo de madrinhas as sr.as D. Elvira de Vargas e D. Vitória Duarte e de padrinhos os pais dos noivos.

Terminada a cerimónia foi servido no salão do restaurante Tavares, um finíssimo lanche, seguindo os noivos a quem foram oferecidas grande número de artísticas prendas, para a praia de Santa Cruz, onde foram passar a lua de mel.

— Realizou-se na freguezia de Ventoda, do concelho da Mealhada, o casamento da sr.ª D. Eva Maria Pinto Fernandes Jorge, com o sr. Armindo Duarte Pega Cardoso, tendo servido de padrinhos por parte da noiva, a sr.ª D. Maria dos Prazeres Dias Pinto e seu tio o sr. Lourenço Vicente Ferreira e por parte do noivo a sr.ª D. Flácia Cardoso o seu irmão o sr. Américo Duarte Pega.

Finda a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de artísticas prendas.

D. Nuno.

Bridge

(Problema)

Espadas — 9, 8, 4.
Copas — 4.
Ouros — — — —.
Paus — R. 4, 3.

Espadas — A. 6, 5.
Copas — 2.
Ouros — — — —.
Paus — A. 7, 2.

N
O E
S

Espadas — 3, 2.
Copas — R. 8, 3.
Ouros — A. 5.
Paus — — — —.

Espadas — 7.
Copas — A. V. 7.
Ouros — 4.
Paus — 6, 5.

Sem trunfo. *S* é mão. *N* e *S* devem fazer cinco vasas.

Solução do número anterior.

O joga o 4 de ouros, *N* o Valete de ouros e *S* conserva o 2 de ouros.

N joga o 2 de copas, *S* faz a vasa e joga 7 de ouros, fazendo *N* a vasa com Dama de ouros.

N joga 3 de copas, *S* faz a vasa e joga duas vezes ouros, baldando-se *N* a Az e Rei de ouros.

S joga 2 de ouros, *O* faz o 10 de ouros e é obrigado a jogar espadas, fazendo *S* tôdas as vasas, cumprindo a marcação.

Se à 2.ª jogada de ouros, *O* entrasse com o 10 de ouros, o jôgo prosseguiria da mesma forma, visto *S* ter guardado o 2 de ouros.

O que está errado no desenho?

(Solução)

A vinha tinha fôlhas de sicómoro.

Aprender até morrer

Sócrates aprendeu a tocar instrumentos, sendo velho.

Catão, na idade de oitenta anos, aprendeu a língua grega.

Plutarco ia já avançado em anos quando quis aprender o latim.

João Gellida, de Valencia, tinha quarenta anos quando se entregou ao estudo das belas letras.

Henrique Spelman quando tornou a aplicar-se ao estudo das ciências e com grande aproveitamento, contava cincoenta anos de idade.

Fairfax, depois de ter comandado como general, as tropas do parlamento inglês, quis receber o grau de doutor na Universidade de Oxford.

Colbert, quási sexagenário, recomeçou os estudos de direito e de latim.

Le Tellier, sendo chanceler de França, pedia que lhe repetissem lições de lógica para fazer preguntas a seus netos.

Voltaire dizia, pouco antes da sua morte, que todos os dias aprendia.

Um livro raro

Foi recentemente vendido na Holanda em hasta pública, um dos quatro exemplares conhecidos de um livro raríssimo de Rudyard Kipling, intitulado *Letras de Marca*, editado em Londres em 1891, tendo sido imediatamente destruido pelo seu ilustre autor, sem que se saiba o motivo que a isso o levou.

Outro dos valiosos exemplares que escaparam à fogueira foi adquirido por um coleccionador americano, em Dezembro de 1927, por 277.236 francos, preço «record», segundo informações do mercado de livros dos Estados Unidos.

Em Los Angeles nasceu uma criança cuja pele é vermelha de um lado da cabeça e ruiva do outro. Além disso, tem um dos olhos preto e o outro azul, e também uma face mais clara que a outra.

O gato e o rato

(Passatempo)

Neste labirinto, o gato quer vêr se chega ao rato pelo caminho mais curto possível. Qual será êsse caminho?

Anecdotas

— Que tal se dá você com o casamento?

— Enquanto fiz a côrte a minha mulher, eu falava e ela ouvia. Depois de casados, falava ela e eu ouvia. Agora falamos ambos e os visinhos ouvem.

—:—

«Tu, a mais querida das mulheres!.. » escrevia um marido à sua cara metade.

Ao que ela respondeu:

«Chamas-me a mais querida das mulheres... Devo, porventura, supôr que outras mulheres te são queridas?»

—:—

Um turista, vendo um velho aldeão sentado à porta da sua casita, preguntou-lhe:

— Viveu sempre aqui?

— Senhor?

— Se viveu sempre aqui?

O rústico estava ainda pasmado sem responder, quando a mulher apareceu no limiar da porta e explicou para o marido:

— Quer êste senhor dizer, se vivias aqui antes de nasceres, ou se nasceste depois de teres vindo para aqui.

—:—

— Encontrei hoje teu marido mas êle não me viu.

— Já sei; êle disse-me.

Palavras cruzadas

(Solução)

F	R	A	D	E		C	A	L	I	M
R	E	M	I	R		A	R	E	N	A
A	M	U	A	R		L	E	V	A	R
D	I	A	B	O		I	N	A	N	E
E	R	R	O	R		M	A	R	E	L
B	A	R	R	O		B	A	M	B	A
A	D	A	I	L		A	R	E	A	L
R	A	I	A	L		M	E	S	M	O
R	I	A	N	A		B	A	M	B	E
O	L	L	A	S		A	L	O	E	S

A consoada dos pássaros

É um antiquíssimo costume nas províncias mais septentrionais da Suécia, lançarem na madrugada do dia Natal, algumas espigas de trigo inteiras, ou alguns punhados de grão, junto a um ramo de árvore cravado na terra em frente das habitações. Nenhum camponez deixa de cumprir religiosamente êste costume, que êles tomam quási por um dever.

Os pobres pássaros, para quem a estação invernosa é tão cruel, principalmente naquelas latitudes, em que os campos estão por alguns meses cobertos de neve, devem, sem dúvida, ter por inapreciável ventura poderem depenicar alguns grãos, e acodem ali aos bandos, celebrando o banquete com grande chilrada. Quando os estrangeiros interrogam os habitantes sôbre a origem dêste costume, êles respondem: «que é justo que tôdas as criaturas se alegrem e encham de júbilo no dia em que o Salvador do mundo desceu à terra a viver entre os homens».

— *Sou eu o primeiro homem que te tenha beijado, dize?*

— *Porque será que vocês fazem todos a mesma pergunta? Já se sabe que és, meu querido?*

(Do «Tit-Bits»).

Um livro aconselhavel a toda a gente

A SAÚDE A TROCO

de um quarto de hora de exercício por dia

O MEU SISTEMA

POR **J. P. MÜLLER**

O livro que mais tem contribuido para melhorar físicamente o homem e conservar-lhe a saúde

O tratado mais simples, mais razoavel, mais prático e útil que até hoje tem aparecido de cultura física

Eficaz e benemérito

verdadeira fonte de saúde e de bem estar físicos e morais

1 vol. do formato de 15×23 de 126 págs., com 119 gravuras, explicativas, broch. . . . **8$00**

pelo correio à cobrança **9$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Um grande sucesso de livraria

DONA SEM DONO

Romance de Samuel Maia, o consagrado autor do "Sexo Forte"

1 vol. de 320 pags., com uma sugestiva capa a côres, broch. Esc. 12$00; encad. Esc. 17$00; pelo correio à cobrança mais 1$50

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

UM ARGUMENTO DE PÊSO
na economia doméstica
Despesas Domesticas
petróleo:
1½ decilitro
por hora
E.
O combustível que V. Ex.ª consome no Fogareiro VACUUM para fazer as suas refeições é a verba menor da sua despesa diária.
USAR SEMPRE
PETROLEO
VACUUM
SUNFLOWER
Só são Fogareiros Vacuum aqueles que teem gravada a marca VACUUM
1545
FOGAREIROS VACUUM